



UFPB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
Departamento De Jornalismo
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

STENIEL VIEIRA CHAGAS

**MARCAS DISCURSIVAS ESTIGMATIZANTES
DO PROGRAMA POLICIAL CIDADE EM AÇÃO NO
ESTADO DA PARAÍBA**

João Pessoa
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C433m Chagas, Steniel Vieira.

Marcas discursivas estigmatizantes do programa policial cidade em ação no estado da Paraíba / Steniel Vieira Chagas. - João Pessoa, 2021.
101 f. : il.

Orientação: Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo policial. 2. Estigma. 3. Cidade em Ação - Programa. 4. Discursividades. I. Carvalho, Zulmira Nóbrega Piva de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070(043)

STENIEL VIEIRA CHAGAS

**MARCAS DISCURSIVAS ESTIGMATIZANTES DO
PROGRAMA POLICIAL CIDADE EM AÇÃO NO ESTADO
DA PARAÍBA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Jornalismo na linha de pesquisa “Processos, Práticas e Produtos”.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zulmira Nóbrega

João Pessoa
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte dias do mês de outubro de 2020, às 9 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, pelo endereço eletrônico <https://meet.google.com/fmu-bzvg-qif>, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do aluno **STENIEL VIEIRA CHAGAS**, sob a matrícula 20181000887, cuja pesquisa intitula-se “**MARCAS DISCURSIVAS ESTIGMATIZANTES DO PROGRAMA POLICIAL CIDADE EM AÇÃO NO ESTADO DA PARAÍBA**”, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AVALIAÇÃO:

(X) Aprovado(a) () Reprovado(a) () Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta Ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. ZULMIRA NÓBREGA PIVA DE CARVALHO
Presidente

Profa. Dra. JOANA BELARMINO DE SOUSA
Examinadora Interna

Profa. Dra. MARLUCE PEREIRA DA SILVA
Examinadora Externa ao Programa

A Deus. A minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão que sempre estão do meu lado me incentivando a seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Deus pelo dom da vida. Para Ele toda honra e toda glória!

Aos meus pais, Sérgio de Oliveira e Rosinalva Vieira, meus maiores incentivadores, minha base, meu porto seguro!

Ao meu irmão, Gustavo Vieira que, mesmo distante, em outro estado, sempre mandou boas energias, ajudando com palavras de incentivo.

A minha amiga e irmã Elidiane Ferreira. Obrigado pela paciência, pelo tempo de dedicação lendo meus textos.

A minha orientadora, Zulmira Nóbrega pela paciência e dedicação com o meu trabalho. Obrigado por não ter soltado minha mão.

A Mary, secretária do PPJ. Obrigado por cada orientação, pela paciência e disponibilidade para as dúvidas.

Eternamente grato a minha banca, Profa. Dra. Joana Berlamino e a Profa. Dra. Marluce Pereira da Silva pelo contributo a este trabalho, pelos conhecimentos compartilhados.

Aos professores Dr Josinaldo Malaquias e. Dra. Glória Rabay que contribuíram compartilhando conhecimentos.

Aos colegas de turma pelo convívio de quase dois anos compartilhando conhecimentos e sorrisos.

Ao Sistema Arapuan de Comunicação que contribuiu para a conclusão deste trabalho, cedendo informações.

Obrigado!

*Tudo tem o seu tempo
determinado, e há tempo para
todo o propósito debaixo do
céu. Tempo de chorar, e tempo de
rir; tempo de prantear, e tempo
de dançar;
(Eclesiastes 3: 1 e 4)*

CHAGAS, Steniel Vieira. **MARCAS DISCURSIVAS ESTIGMATIZANTES DO PROGRAMA POLICIAL CIDADE EM AÇÃO NO ESTADO DA PARAÍBA.**Dissertação de Mestrado / Pós-Graduação em Jornalismo – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020, 101 p.

RESUMO

Na televisão brasileira crescem os programas policiais dedicados a certa naturalização da violência, da estigmatização das pessoas e da utilização do sensacionalismo. Uma editoria fértil, ocupando parte significativa da grade do noticiário televisivo, que tem se revelado como um rentável modelo de negócios para as empresas de comunicação, nas quais preceitos básicos do jornalismo como ética, qualidade e compromisso social podem ser abandonados. Como esse fenômeno também ocorre na Paraíba, onde o formato encontra seguidores tanto na produção como no consumo da editoria, o presente trabalho objetiva analisar as formas discursivas estigmatizantes do jornalismo policial do programa *Cidade em Ação*, da TV Arapuan (afiliada da Rede TV!), apresentado por Sikêra Jr. (de 12/03/2018 a 14/07/2019), para representar presos e/ou pessoas detidas para averiguação no noticiário paraibano. Para tanto, analisamos as marcas discursivas do estigma (GOFFMAN, 1980) e também do indivíduo monstro (FOUCAULT, 1997) em cinco reportagens apresentadas no referido programa policial, nas quais os retratados são insultados, praguejados, ironizados, além de serem tidos como anormais e sofrerem com injúrias raciais e homofobia. Os resultados revelam que o programa *Cidade em Ação* transformou o espaço do noticiário em cenário para rotulação e veiculação de produção discursiva que expressam estigmas sociais dos presos e/ou pessoas detidas para averiguação, potencializado pela performance caricata do apresentador e equipe, valendo-se de itens lexicais chulos e de uma preocupação em estigmatizar, ao julgar, antecipadamente, os sujeitos, mesmo antes da condenação.

Palavras-chave: Jornalismo Policial; Estigma; Programa *Cidade em Ação*; Discursividades.

CHAGAS, Steniel Vieira. **STIGMATIZING DISCURSIVE BRANDS OF POLICE JOURNALISM IN THE CITY IN ACTION PROGRAM.** Master's / Postgraduate Dissertation in Journalism - Federal University of Paraíba, João Pessoa, 2020, 101 p.

ABSTRACT

On Brazilian television, police programs dedicated to a certain naturalization of violence, the stigmatization of people and the use of sensationalism are growing. A fertile editorial area, occupying a significant part of the television news grid, which has revealed itself as a profitable business model for media companies, in which basic precepts of journalism such as ethics, quality and social commitment can be abandoned. As this phenomenon also occurs in Paraíba, where the format finds followers both in production and in editorial consumption, the present work aims to analyze the discursive forms of police journalism of the TV program *Cidade em Ação*, from TV Arapuan (affiliated with Rede TV!), presented by Sikêra Jr. (from 12/03/2018 to 14/07/2019), to represent prisoners and / or persons detained for investigation in the Paraíba news. To do so, we analyzed the discursive marks of stigma (GOFFMAN, 1980) and also of the monster individual (FOUCAULT, 1997) in five reports presented in the referred police program, in which those portrayed are insulted, cursed, mocked, in addition to being considered abnormal and suffer from racial injuries and homophobia. The results reveal that the *Cidade em Ação* program transformed the news space into a setting for labeling and broadcasting social stigmas of prisoners and / or detainees for investigation, enhanced by the caricatured performance of the presenter and team, using foul language and a concern to stigmatize, when judging, in advance, the subjects, even without condemnation.

Keywords: Police Journalism; Stigma; City in Action Program; Discursivities.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Apresentadores e formação dos apresentadores	35
Quadro 2 – Índices do IBOPE dos programas policiais na Paraíba (nov./2018).....	40
Quadro 3 – Reportagens selecionadas para análise	46
Quadro 4 – Principais temáticas do corpus da pesquisa	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Radiocomunicador do repórter Flávio Fernandes	37
Figura 2 - Print do grupo de WhatsApp “Produção Policial Arapuan”	37
Figura 3 – Imagem de Sikêra Jr. comentando a matéria do jovem preso.....	58
Figura 4 – Imagens dos presos sentados no chão da delegacia concedendo entrevista.	63
Figura 5 – Comentário do apresentador sobre mulher trans.....	68
Figura 6 – Sikêra Jr. ironizando jovem preso.....	74
Figura 7– Imagem do elenco de Sikêra Jr.....	76
Figura 8 – Print de tela de um assalto.....	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 JORNALISMO POLICIAL: DO ACONTECIMENTO AO CONSUMO DA NOTÍCIA	19
2.1 ROTINAS PRODUTIVAS E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE.....	19
2.2 JORNALISMO POLICIAL: A CONSTRUÇÃO DE ESPETÁCULOS	22
2.3 ESTIGMATIZADOS E MONSTROS: ETIQUETAMENTO DO PRESO	26
2.4 SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO: SOB A PERSPECTIVA DA SUPER LOTAÇÃO	32
3 PERCURSO METODOLÓGICO	35
3.1 CONTEXTO DO PROGRAMA <i>CIDADE EM AÇÃO</i>	35
3.2 TRAJETÓRIA DO APRESENTADOR SIKÊRA JR.	46
3.3 PERCURSO TEÓRICO: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DA ANÁLISE DE DISCURSO	49
4 ANÁLISE DA PESQUISA	53
4.1 ESTIGMATIZADOS E MONSTROS NO PROGRAMA <i>CIDADE EM AÇÃO</i>	53
4.3.1 Os insultos.....	55
4.3.2 As pragas.....	61
4.3.3 - Os anormais	65
4.3.4 O coro.....	71
4.3.5 Injúria racial e homofobia	76
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
ANEXOS	91
ANEXO A - JOVEM DE 18 ANOS É PRESO COM ESPINGARDA E MACONHA EM BAYEUX	91
ANEXO B – POLÍCIA ESTOURA BOCA DE FUMO E PRENDE DOIS HOMENS EM BAYEUX	93
ANEXO C – FESTA TERMINA COM DUAS PESSOAS FERIDAS E TRAVESTI É PRESA	95
ANEXO D – JOVEM DE 19 ANOS É PRESO COM DROGAS NOS BANCÁRIOS.....	98
ANEXO E –BANDIDOS SE PASSAM POR CLIENTES E ASSALTAM BARBEARIA NO VALENTINA.....	99

1 INTRODUÇÃO

A correlação entre violência e televisão é um assunto, em alguma medida, discutido por estudiosos. Entre estes, destacam-se os pertencentes às Ciências Sociais e à Comunicação, tais como W. James Potter (1999), M. B. Lira (1996), Jésus Martin-Barbero (1987) e Elizabeth Rondelli (1998). Para esses teóricos, existe uma sólida relação entre ambas. Contudo, é evidente que ainda existe uma necessidade de ampliação das investigações que problematizem questões que dizem respeito à exibição de conteúdos violentos exibidos na TV, que afetam indivíduos pertencentes a uma sociedade com diferenças culturais, entre as quais a linguagem, o vestuário e a religião.

Enquanto o sociólogo francês Émile Durkheim (1999) entende a violência como um fracasso resultante do funcionamento ineficiente das instituições sociais, o filósofo alemão Karl Marx (1995) sugere que se trata de um resultado das lutas de classes, do espaço e das contradições das conquistas da modernidade e do capitalismo. Nesse sentido, a filósofa e cientista política alemã Hannah Arendt (1994) considera que a escalada desse fenômeno pode significar a degeneração do poder do Estado.

A violência é um dos maiores problemas brasileiros da contemporaneidade. Suas diferentes formas de manifestação tornaram-se presentes no dia a dia da população, ocupando um lugar significativo no cotidiano das pessoas e nos noticiários. O pânico de ser assaltado, morto, sequestrado ou agredido transformou-se no temor dos habitantes das cidades brasileiras — a situação agrava-se diante da observação da falta de atuação do poder público. Esta deficiência na segurança pública restringe a liberdade de ir e vir das pessoas, que acabam passando, dessa forma, a adotar medidas de proteção contra a violência no contexto urbano, a exemplo de passar a andar sem dinheiro ou evitar sair durante a noite.

O conceito de violência urbana é vinculado à noção de criminalidade na perspectiva compartilhada, majoritariamente, pelos meios de comunicação, pela população e pelo poder público. Contudo, alguns autores, a exemplo de Maria Alice Carvalho (1995), apontam a necessidade de também serem considerados, nessa discussão, os fatores sociais e econômicos, pois, conforme assinala Renata Sampaio (2015, 2011), trata-se de uma realidade inerente ao processo de urbanização capitalista característico da maior parte das cidades brasileiras. A Organização Mundial da Saúde define violência como “[...] a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis [...]”. Se considerarmos o conceito na visão de outros autores, concluímos que

o assunto é bem mais amplo.

Entretanto, este trabalho não busca contextualizar o conceito de violência em sua implicação no cotidiano dos indivíduos. Pretende, sobretudo, analisar como alguns episódios de mortes violentas, roubos e tráfico de drogas ganham destaque e são abordados no programa selecionado para análise: *Cidade em Ação*.

Ainda com respeito à violência, um levantamento publicado no dia 5 de junho de 2019, realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, constatou que o Brasil teve 65.602 pessoas assassinadas em 2017 para cada 100 mil habitantes— o maior nível histórico de morte violenta intencional no país, um reflexo de 31,6 mortes para cada 100 mil habitantes. O documento foi construído com base nos dados de 2017. Para ampliar a compreensão do problema na atualidade, realizamos recortes de dados do Atlas da Violência (IPEA, 2019) com os seguintes indicadores: os estados que mais apresentaram índices de criminalidade por homicídios e os de menor incidência. Delineamos o perfil das pessoas assassinadas no país, e por fim mostramos os dados da Paraíba e sua classificação na posição do Nordeste. Esses dados são fundamentais para este trabalho, uma vez que objetivamos estudar o jornalismo policial, que, segundo Danilo Angrimani (1995), tem o assassinato como um elemento presente em seu noticiário.

A investigação identificou os estados que mais reduziram a taxa de homicídios e os que mais registram ocorrências. O estado do Ceará, mais precisamente sua capital Fortaleza, foi aquele que apresentou a maior taxa de crimes violentos letais intencionais, com 87,9 homicídios para cada 100 mil habitantes. Em segundo lugar no *ranking* apareceu Rio Branco, no Acre, com uma taxa de 35,2 homicídios por 100 mil habitantes. Já as capitais com menores taxas em 2017 foram São Paulo (SP), com 13,2, e Campo Grande (MS), com 18,8. No decorrer da investigação do IPEA, foi traçado um perfil dos homicídios nas capitais brasileiras. O estudo apontou que dos 618 mil assassinatos registrados entre 2007 e 2017, 92% das vítimas eram homens, e apenas 8% correspondia a vítimas do sexo feminino. Nos homicídios de vítimas masculinas, 76,9% ocorreram por meio de arma de fogo; entre aqueles correspondentes às mulheres, esse percentual foi de 53,8%.

Ainda de acordo com essa pesquisa, o sábado é o dia com a maior frequência de assassinatos, para ambos os sexos. Com foco na região Nordeste, o estado da Paraíba, por exemplo, apresentou a terceira menor taxa de homicídios da região. A capital paraibana teve um índice estimado de 33,9 mortes violentas para cada 100 mil

habitantes em 2017, ficando atrás do Maranhão e do Piauí. Todos esses crimes são constituídos da matéria-prima principal do jornalismo policial, seja no rádio, na TV ou nos jornais impressos que narram as histórias reais, para além das estatísticas.

A cobertura policial compõe uma esfera do jornalismo em crescimento a partir da metade do século XIX nos Estados Unidos e na Inglaterra. Os primeiros registros impressos sobre jornalismo policial no Brasil apontam um conflito entre policiais e civis na cidade do Rio de Janeiro, em 1917, como um marco da atividade no país. Na televisão, que constitui o nosso foco, o programa *Aqui Agora*, veiculado na extinta TV Tupi (1979) e reeditado no SBT (1991-1997 | 2008), tornou-se o pioneiro do gênero na televisão brasileira. A fórmula sensacionalista policialesca (que espetaculariza a violência, a briga, o estupro e a morte), importada de emissoras estrangeiras como estratégia para atrair audiência das camadas populares, encontrou terreno fértil no Brasil. Hoje, o jornalismo policial ocupa parcela significativa do noticiário televisivo, atraindo a atenção dos telespectadores, mas desviando-se, em alguns momentos, do nobre papel histórico e social do jornalismo comprometido com a sociedade.

A sociedade consome, instantaneamente, atos de violência pela mídia (desde situações de brigas no trânsito, assaltos, tiroteios, homicídios, até crimes com características brutais), na medida em que estes são transformados em pauta principal nas empresas de comunicação (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995). Perseguindo a audiência, os telejornais buscam atingir o público exibindo notícias impactantes, utilizando o jornalismo sensacionalista — um formato que explora o extraordinário e se utiliza de linguagem coloquial e imagens fortes para prender a atenção do público, provocando reações. Nesse contexto, o “criminoso”, aquele que infringe a lei, o ator dentro do cenário dos horrores espetaculares, usualmente adquire destaque e publicidade. Em geral, esse infrator é apresentado na cena televisiva quando já está preso. Em busca do furo, da audiência, a mídia expõe as pessoas detidas para averiguação ou presas empregando uma conotação sensacionalista, muitas vezes desconsiderando seus direitos constitucionais, especialmente o artigo 5 (nos incisos X e V), que trata da garantia e proteção da imagem de detentos.

No entanto, a Constituição Brasileira (1988), também no mesmo artigo, inciso IV, discorre sobre o direito da imprensa de noticiar os fatos relevantes sem distorção ou omissões. Ainda que nosso trabalho não pretenda abordar esse tópico dos direitos legais, faz-se necessário pontuar, ainda que brevemente, essa discussão. Ao observar esse cenário, podemos constatar o restrito espaço destinado aos privados de liberdade

quanto ao direito de resposta nos programas policiais das TVs paraibanas, considerando que o pronunciamento dos “criminosos” dispõe de tempo menor se comparado àquele reservado aos repórteres e apresentadores, preocupados em estigmatizar e condenar (anteriormente ao julgamento nos tribunais de justiça). Os detentos são expostos aos meios midiáticos algemados, como uma espécie de troféu do combate à criminalidade.

Contudo, questionamos: há a possibilidade da existência de programas policiais atendendo aos pressupostos do jornalismo com ética, qualidade e compromisso social? Apesar de pesquisadores como Danilo Angrimani (1995) acreditarem que sim, ocorre que os programas policiais do Estado da Paraíba estão longe de prestar informação de qualidade para a população. Tal constatação decorre, a propósito, de uma vivência profissional ativa na área, considerando o trabalho desenvolvido (desde 2015) na editoria de programas policiais — fator que motivou a busca por informações sobre a temática abordada e, sobretudo, contribuiu na elaboração das análises apresentadas como resultado deste trabalho. Antes de entrar na universidade, já acompanhava programas policiais de grande audiência no país, como, por exemplo, *Cidade Alerta*, *Brasil Urgente*, entre outros. É uma área com a qual tenho afinidade e admiração, pelo formato simples, pela linguagem coloquial. Mas trabalhar com esse tipo de editoria exige do profissional uma atenção maior, uma dedicação redobrada, voltada para a camada populacional na qual o conteúdo está sendo produzido.

Dentro da esfera da graduação, sempre tentei desenvolver atividades (como artigos, trabalhos e o próprio Trabalho de Conclusão de Curso) na área policial, por ter empatia com a área. Contudo, na academia pouco se fala desse segmento jornalístico. Normalmente; nas vezes em que é mencionado recebe críticas voltadas para os apresentadores (uma vez que boa parte destes não tem formação em jornalismo) e para o conteúdo com forte apelo emocional (em algumas vezes em cima da dor da perda de entes queridos). De fato, durante o horário do almoço a televisão vira um verdadeiro *espetáculo*: os apresentadores não poupam as palavras chulas para apresentar as matérias/reportagens factuais para a camada mais desfavorecida de esclarecimento. Entretanto, cabe ressaltar que encontramos uma diferenciação entre notícias que abordam presos pobres e presos com condições financeiras elevadas. Enquanto os pobres são julgados (e, em alguns casos, sentenciados) sem nem mesmo terem passado pela Justiça, com os ricos (quando viram notícia) até o tom da voz muda, a expressão facial é mais leve.

Dos muros da universidade para fora o universo é diferente, pois a percepção é a

de que todo aquele aprendizado adquirido em sala de aula não vale no ambiente profissional — e no jornalismo policial, especificamente, é perceptível essa deficiência nas práticas jornalísticas. É como se o manual aprendido nos laboratórios já não fizesse sentido por um conjunto de fatores, tais como a linha editorial do veículo de comunicação e o convívio com outros profissionais que trabalham na área sem conhecimento acadêmico, além do próprio gosto do público por matérias recheadas de sangue, carregadas de sensações.

Trabalhando em programas policiais há cinco anos, percebemos a rentabilidade financeira de tais noticiários na Paraíba: entre uma informação e outra, sempre existe a venda dos produtos comerciais. É um espaço misto entre gargalhadas, notícias e venda de produtos. Quanto ao programa estudado, fiz parte do quadro de editores do *Cidade em Ação* da TV Arapuan durante dois anos, onde pude comprovar, na prática, a diferença existente entre a divulgação de notícias sobre o indivíduo pobre e o indivíduo rico. A camada pobre ganha destaque: é sentenciada antes mesmo de passar pelo juiz; é ridicularizada e exposta como irreparável, tanto na boca dos apresentadores, como nas reportagens em entrevistas com os policiais. O pobre pode ter o rosto exposto! O rico, não!

Já sobre a classe favorecida não se pode mostrar imagens, falar, tecer comentários ofensivos, condenar, pois logo surge o medo de um processo (seja por parte da editoria da empresa, seja pelo fato de tratar-se de uma pessoa influente na sociedade). Como exemplo, trago um fato que aconteceu em 2015: quando o neto do dono do Sistema Paraíba de Comunicação atropelou e matou um agente de trânsito da SEMOB¹ a ordem superior era não abordar o assunto.

No tocante ao convívio profissional com Sikêra Jr., enquanto subordinado ao sistema de rodízio de editores então existente, cabe ressaltar que, durante os quatro meses seguidos em que trabalhei com o apresentador, este demonstrou ser uma pessoa bacana, inteligente, brincalhona e que sempre tentava equilibrar essa diferença entre o pobre e o rico (embora fosse cobrado, por parte da presidência da empresa, para suavizar alguns acontecimentos envolvendo pessoas influentes). O apresentador enfatizava que “se errou tem que pagar”, não poupando nem mesmo, por exemplo, durante sua passagem pela Paraíba, o ex-governador Ricardo Coutinho, por ter seu nome citado em determinadas operações policiais.

¹ Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa, autarquia especial vinculada ao Gabinete do Prefeito.

Sikêra Jr. não acompanhava a produção do programa, apenas apresentava. Por conhecer o perfil do apresentador, as notícias que passavam no *Cidade em Ação* eram aquelas informações “pitorescas” (onde a notícia está presente, mas a espetacularização não pode faltar). Como profissional formado, era complicado ter que ferir a ética jornalística para levar notícias que davam origem a comentários que geravam um desserviço (como, por exemplo, “bandido bom é bandido morto”), e em alguns casos me recusei a desenvolver o produto — embora saiba que existem pessoas que se sentem representadas por esse tipo de discurso.

O apresentador sempre deixava claro sua posição política de extrema direita: se recusava, por exemplo, a tratar de notícias envolvendo o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), classificando-os como vagabundos. Rotineiramente, no início do programa, era escolhida uma informação que prendesse a atenção do público até o final. Geralmente, essas notas tratavam de um homossexual ou de presos que se deram mal durante o delito. Era, então, veiculado um *teaser*, no sentido de gerar uma expectativa (por parte do telespectador) que durasse até o final do programa.

Durante o programa, Sikêra Jr. se utilizava de dancinhas, uma placa com o nome “CPF cancelado” para mostrar pessoas mortas, além de fazer uso de palavrões no ar (chamando os presos de “bandido”, “safado”, “miserável” etc. — algo bem diferente, certamente, dos princípios que regem os manuais de telejornalismo).

Assim, a presente pesquisa se insere nesta complexa teia do jornalismo policial, partindo da hipótese inicial que o programa *Cidade em Ação*, veiculado na TV Arapuan, em suas variadas manifestações de temas, opera como um espaço de reforço do estigma, rotulando e condenando presos, sem que tenha havido processo legal jurídico. O apresentador reforça a necessidade da condenação e do recolhimento como única alternativa para solucionar os crimes, influenciando a sociedade a pensar o sistema prisional (e o distanciamento dos detentos enquanto fator de isolamento do convívio humano) como a solução para a segurança do país.

Mas como será que como os presos e os detidos para averiguação do Estado da Paraíba são representados no programa pelo apresentador? Como a figura do monstro é construída nas marcas discursivas do apresentador? Como o estigma se reflete neste discurso?

Nesse sentido, esta pesquisa objetiva, portanto, analisar as formas discursivas estigmatizantes no jornalismo policial do programa *Cidade em Ação*, da TV Arapuan, afiliada da Rede TV!, apresentado por Sikêra Jr. (de 12/03/2018 a 14/07/2019), para

representar presos ou pessoas detidas para averiguação no noticiário paraibano. Tem-se ainda como objetivos específicos: aplicar os conceitos de estigma (GOFFMAN, 1980) e monstruosidade (FOUCAULT, 1997, 2006) empregados aos presos e pessoas detidas para averiguação no referido programa; apresentar um panorama histórico do jornalismo policial; e compreender os critérios das notícias veiculadas no referido programa.

Para tanto, organizamos este estudo em três partes. A primeira fundamenta nossa investigação a partir de tópicos como: estigmas e pessoas consideradas anormais para o convívio em sociedade, tomando como ponto de partida as contribuições de Erving Goffman (1980) e Michel Foucault (1997); critérios de noticiabilidade, trabalhando com base em autores como Felipe Pena (2006), Nelson Traquina (2005a), Mauro Wolf (2003) e Nilson Lage (2002); jornalismo policial, sensacionalismo e efeitos nos telespectadores, a partir dos estudos de Felipe Pontes e Gislene Silva (2009), Gilberto Dimenstein e Ricardo Kotscho (1990), Valéria Sinésio e Sandra Moura (2015), Pedrinho Guareschi (2007), Danilo Angrimani (1995), Francisco Periago (2004), Alberto Dines (1972), Roland Barthes (1977) e Roberto Ramos (2001); por fim, discorre sobre o sistema prisional brasileiro, a partir dos *sites Monitor da Violência* (REIS, 2019) e *Infopen*.

Na segunda parte são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa, com as concepções da Análise do Discurso francesa, tais como discurso, formação discursiva, interdiscurso como dispositivos analíticos de enunciados das notícias e comentários apresentados durante os programas que serão analisados. Para tanto, recorreremos a teorias de Eni Orlandi (2015), Maria do Rosário Gregolin (1995), Helena Brandão (2009) e Foucault (1999).

Por fim, a terceira parte mostra o resultado da pesquisa ora realizada: formas discursivas estigmatizantes de como os presos e as pessoas detidas para averiguação são apresentadas no programa policial *Cidade em Ação*. Desse modo, selecionamos cinco matérias jornalísticas veiculadas no referido programa (no período de 1º/08/2018 a 12/11/2018) intituladas: “Jovem de 18 anos é preso com espingarda e maconha em Bayeux”, “Polícia estoura boca de fumo e prende dois homens em Bayeux”, “Festa termina com duas pessoas feridas e travesti é presa”, “Jovem de 19 anos é preso com drogas nos Bancários” e “Bandidos se passam por clientes e assaltam barbearia no Valentina.” As reportagens escolhidas foram analisadas como estigmas de “Os insultos”, “As pragas”, “Os anormais”, “O coro” e “Injúria racial e homofobia”, respectivamente.

2 JORNALISMO POLICIAL: DO ACONTECIMENTO AO CONSUMO DA NOTÍCIA

Neste capítulo, buscamos compreender os conceitos e as teorias usadas nesta dissertação a partir de uma ênfase social. Sendo assim, dividimos este capítulo nos seguintes tópicos: *A construção da notícia*, que expõe a práxis do texto jornalístico, considerando-o enquanto um discurso social que, como tal, está inserido num sistema produtivo; *Jornalismo policial*, alinhado com o tópico anterior, mas dentro de suas especificidades e trajetórias, convida a conhecer o jornalismo sensacionalista e suas formas exageradas de veiculação de notícias; *Estigmatizados e monstros como parte da sociedade*, apresenta a construção de marcas que tornam uma pessoa desacreditada a partir das representações sociais construídas sobre presidiários, e a *Formação histórica do sistema prisional* no Brasil.

2.1 ROTINAS PRODUTIVAS E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Da criação da pauta ao processo de publicação da matéria, alguns fatores influenciam na construção final do produto, a exemplo da seleção dos fatos, que acabam se tornando notícias. Subentendemos que a notícia é algo que retrata a “realidade do mundo”— não é algo que alguém pensou ou imaginou, mas é um fato que alguém disse e afirmou. Sendo assim, qual a sua definição? Quais os seus valores? Quais os fatores que influenciam na sua produção? Como os jornalistas selecionam os acontecimentos? Como as empresas de comunicação utilizam as notícias como fonte de renda? Estes são, portanto, alguns dos questionamentos sobre os quais pretendemos debater no decorrer do texto.

Pena (2006) considera a definição de notícia ampla e cheia de bifurcações, optando por não adotar, objetivamente, uma conceituação a esse respeito e, de outro modo, assegurando que entender o valor legítimo da expressão notícia desencadeia uma reflexão sobre a seleção dos fatos, de maneira que estes se tornem propícios para serem noticiados.

Nesse sentido, Traquina (2005a) compreende que, no âmbito da produção e

seleção dos acontecimentos, os jornalistas se tornam “servidores públicos da sociedade”, selecionando assuntos pertinentes (que despertem o interesse dentro de uma redação jornalística) e exigindo atenção para os quesitos de urgência e agilidade.

Na seleção das notícias e na participação ativa do jornalista, abordadas por Traquina (2005a), pode-se vislumbrar o desenvolvimento dos chamados critérios de noticiabilidade, cujos valores empregados pelos profissionais moldam o fato à veiculação da notícia. A esse respeito, Traquina (2005a, p. 63) define noticiabilidade como o “[...] conjunto de critérios e operações que fornecem aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia.” Partindo desta proposição, pode-se dizer que os critérios de noticiabilidade referem-se, portanto, ao conjunto de valores determinantes no passo a passo da criação da notícia e, desse modo, na escolha dos fatos a serem repercutidos.

Mauro Wolf (2003, p. 190) define os critérios de noticiabilidade como o “[...] conjunto de operações e instrumentos [...]” através dos quais a imprensa seleciona, dentro de um leque de acontecimentos, uma quantidade estável de notícias, dentro dos padrões editoriais da empresa de comunicação. Tais notícias podem gerar uma quantidade de informação que entra na consciência das pessoas, como uma injeção aplicada e, por vezes, sem provocar qualquer resistência. O processo operacional ocorre devido às configurações das rotinas produtivas de informação, de forma que a seleção, edição e veiculação dos fatos atendam aos critérios que prendem a atenção das pessoas. Esses critérios de noticiabilidade são classificados a partir de diversos fatores, tais como: importância, relevância, proximidade, atualidade, interesse humano, proeminência e interesse da própria empresa jornalística. Tais preceitos facilitam o processo de construção da notícia pelos profissionais de imprensa, no momento de selecionar e filtrar os acontecimentos que diariamente chegam aos veículos de comunicação.

Ainda na perspectiva de Wolf (2003, p. 207-208), os valores-notícia podem ser apresentados em quatro grupos: os substantivos das notícias; a disponibilidade do material e os critérios relativos ao produto informativo; ao público; e à concorrência. Mas o que significaria esses quatro pressupostos anunciados por Wolf?

O primeiro grupo (os substantivos das notícias) está correlacionado ao acontecimento que deve ser transformado em notícia, podendo ser estruturado quanto à importância e ao interesse da notícia. Para Wolf (2003, p. 213), “[...] enquanto as notícias consideradas importantes são, num certo sentido, selecionadas

‘obrigatoriamente’, o elemento do interesse dá lugar a uma avaliação mais heterogênea, mais aberta às opiniões subjetivas, menos vinculadoras para todos”.

Wolf (2003) ressalta que dentro do primeiro grupo existem quatro variáveis que determinam a importância do acontecimento. Começa com a posição hierárquica dos personagens envolvidos no acontecimento noticiável, relacionada à relevância que o acontecimento tem para o indivíduo; ou seja, quanto maior a chance do acontecimento envolver os mais ricos, instituições do governo ou famosos, mais chances existem do acontecimento transformar-se em notícia. Wolf menciona, ainda, o interesse nacional/impacto para a nação, pois quanto mais o acontecimento tiver a capacidade de atingir ou afetar os interesses do país, maior a chance de se tornar notícia. O referido autor destaca o aspecto da quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento: quanto maior o número de pessoas envolvidas, maior a chance de virar notícia. Por fim, mostra a relevância do episódio em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação; ou seja, quanto mais relevante for o caso (e com o caráter duradouro), maior a probabilidade de ser noticiado, a exemplo de operações policiais que levam certo andamento para conclusão.

O segundo grupo característico de valores-notícia proposta por Wolf (2003) refere-se à disponibilidade do material e os critérios relativos ao produto informativo. Nesse processo, o fator econômico se destaca, pois se o acontecimento é acessível para os jornalistas e não requer muito gasto tende a virar notícia.

O terceiro grupo proposto por Wolf (2003) menciona o público. Nesse quesito, o autor aborda o olhar do jornalista para o seu público baseado em uma audiência ou em pesquisa. Nessa perspectiva, o profissional deve conhecer o consumidor do seu material (as notícias que serão veiculadas), com a ressalva de que essa aproximação seja exclusiva para com a notícia.

O quarto e último grupo proposto por Wolf (2003) diz respeito à concorrência, a relação entre os meios que estão presentes no mercado. Para melhor exemplificar esse tópico, o autor cita Herbert Gans (1979), que aponta três momentos dessa relação: a exclusividade, as expectativas semelhantes e a formação do parâmetro profissional. A exclusividade prioriza o furo de reportagem entre as empresas de comunicação, de forma que a primeira emissora a noticiar, por exemplo, ganhará notoriedade e audiência da massa. Sobre as expectativas semelhantes entre os veículos de comunicação, estas podem ser exemplificadas pela morte de um político muito importante; nesse caso, logo toda a imprensa pauta, cada uma trazendo o máximo de informação possível. Por fim, a

última menção é consequência da segunda: entre as empresas de comunicação pode haver pautas semelhantes, de modo que a inovação seja uma diferenciação entre elas.

Desse modo, tomando como base as proposições de Mauro Wolf (2003, p. 225) sobre rotinas produtivas e critérios de noticiabilidade, pode-se perceber que, para toda notícia produzida, é necessário fazer um equilíbrio entre os fatores que englobam cada uma.

2.2 JORNALISMO POLICIAL: A CONSTRUÇÃO DE ESPETÁCULOS

Os primeiros registros sobre a editoria de jornalismo policial surgiram nos Estados Unidos e na Inglaterra, na metade do século XIX. No Brasil, a primeira matéria veiculada ao jornalismo policial foi no ano de 1917. O fato era um conflito na cidade do Rio de Janeiro, entre mendigos, desocupados e negros contra policiais militares cariocas. Na época, os principais jornais da cidade, como *Jornal do Commercio* e *Jornal do Brasil*, davam destaque à versão dos policiais, deixando de ouvir o outro lado da história. Ouvir o depoimento da polícia traz para o profissional a sensação de verdade absoluta, dispensando ouvir o outro lado da história (SINÉSIO; MOURA, 2015).

Nessa perspectiva, a percepção que fica é que o repórter atua como um colaborador da investigação policial. A linguagem utilizada no jornalismo policial é despojada, informal, carregada de gírias e expressões coloquiais que a aproximam ainda mais do telespectador. Esse modelo de jornalismo foi ganhando espaço no jornal impresso, no rádio e na televisão, e conquistando confiança e popularidade entre as pessoas (ANGRIMANISOBRINHO, 1995).

Ao longo da história, viu-se uma consolidação do jornalismo policial no jornal impresso, no rádio e principalmente na TV, devido às imagens e ao som. São programas que dão extrema visibilidade à violência presente no cotidiano.

No Brasil, na TV aberta atual, os programas policiaiscos que ganham destaque são: *Brasil Urgente* (Rede Bandeirantes), *Cidade Alerta* e o *Balanço Geral* (Rede Record). Tem também os que já foram extintos: *Repórter Cidadão* (Rede TV!), *Linha Direta* (Rede Globo), *Cadeia* (CNT/Gazeta) e o famoso *Aqui Agora* (SBT).

Em busca de audiência, os telejornais apresentam como destaques principais, matérias com viés policial e exibição de cenas fortes. Dependendo da forma como estas

imagens são apresentadas, prendem a atenção e despertam a curiosidade dos telespectadores— isso faz com que, todos os dias, mais pessoas deem audiência a programas jornalísticos policiais. O jornalismo policial não se limita apenas a informar, considerando que forma a sociedade no que se refere à conscientização. Com base nisso, Pedrinho Guareschi (2007,p. 13) afirma:

Por despertar a atenção dos telespectadores, o “interesse do público” no jornalismo policial pode cumprir o papel de reformar valores humanos e sociais, demonstrando o que é certo ou errado fazer, além de complementar os efeitos do “interesse público” ao de sensibilizar cidadãos em torno de uma determinada questão.

A principal característica desse jornalismo é a violência: brigas, estupros e, principalmente, mortes. De acordo com Angrimani (1995,p.53) “[poucos] gostam de falar sobre morte, mas ela é presença obrigatória nos veículos informativos.”.

A televisão tem uma colaboração inegociável na construção da opinião pública. Nesta pesquisa, estamos tratando o jornalismo policial como uma editoria comum, como qualquer outra, presente nas redações de televisão, mesmo sabendo que este tipo jornal foge do padrão do telejornalismo tradicional. O sensacionalismo, por exemplo, não está presente no jornalismo tradicional (ANGRIMANISOBRINHO, 1995). É um modelo jornalístico que não segue os fundamentos básicos de um telejornalismo tradicional, de tal modo que isso acabaria situando o jornalismo policial mais próximo do entretenimento. Com base em Periago (2004), se comparamos as duas editorias (policial x modelo tradicional) as diferenças serão estabelecidas.

No Brasil, o jornalismo de modelo tradicional segue o modelo americano, no qual o repórter assume uma postura fixa e séria, passando uma sensação de imparcialidade. No jornalismo policial, o repórter acaba atuando com mais emoção, deixando a notícia mais interessante por meio de uma participação mais ativa dos telespectadores para opinar sobre os assuntos, o que acaba fazendo com que o improvisado e o pensado tenham destaque garantido nos telejornais de acordo com Francisco Periago (2004, p.11).

O repórter de telejornal policial se torna um integrante ativo. Sua participação é parcial e pode, em determinados casos, interferir com a realidade daquele fato. [...] Em determinados casos, a interferência do repórter também serve para manipular momentos que não estão correspondendo com a expectativa de uma determinada situação. Nesse sentido, criam-se situações que aumentam o potencial de um

fato para que ele se torne mais fluente aos olhos do telespectador. Esse processo pode transformar a telenotícia em um espetáculo de ficção pois em determinadas situações até elementos da dramaturgia como a tensão dramática a identificação como herói ou com vilões, as expressões oral e fácil são utilizados para sensibilizar o telespectador[...]

No século XIX, foram encontrados os primeiros registros dos jornais carregados de sensações. Os jornais americanos e franceses lançaram as primeiras publicações sensacionalistas com apenas uma página, relatando notícias sobre crimes violentos e desastres. Após a aceitação dos folhetins pelas classes mais populares, este modelo de jornal acabou ganhando espaço em outros países.

No Brasil, por exemplo, as primeiras publicações começaram a aparecer no final do século XIX e no século XX, de modo que até hoje encontramos programas com viés sensacionalista. Na época, o jornal que se utilizava das sensações era *A Gazeta*, que dedicava uma página só para notícias que causavam sensações nos leitores. A esse respeito, Danilo Angrimani (1995, p. 16) pondera:

Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria este tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que super dimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a “notícia” é elaborada como mero exercício ficcional [...] Um noticiário sensacionalista tem credibilidade discutível [...]

Sensacionalismo é abordar uma notícia simples que por critérios jornalísticos tradicionais não mereceria grandes destaques, como algo extraordinário. Ao propor uma classificação desse fenômeno, Alberto Dines (1972) sugere a existência de três grupos: gráfico (quando se faz uso de letras grandes, dando um maior destaque à manchete da matéria e chamando a atenção do leitor); linguístico (quando uma história não é verdadeira, mas é contada como se fosse); e temático (quando o autor destaca neste tópico a falta de moral).

Ainda de acordo com Dines (1972), os jornalistas se esquecem de que por trás da notícia existem pessoas que podem pagar caro pelo exagero da forma como vão ser expostas. Contudo, os meios de comunicação acabam se utilizando desta estratégia para comover os consumidores da notícia, provocando sensações. O veículo que adere a esse

tipo de linguagem nas suas editoriais é visto como uma empresa que se utiliza desse mecanismo para ganhar pra audiência.

Angrimani (1995) aponta que a empresa de comunicação que utiliza o sensacionalismo é vista como um sistema que trabalha com inverdades, que não apura os fatos corretamente; joga a notícia, mas um com julgamento prévio que foge da ética jornalística. Fatos publicados em veículos sensacionalistas são vistos com desconfiança e têm a credibilidade comprometida.

O sensacionalismo é uma prática noticiosa na qual os fatos ganham narrativas imaginárias, dramas e uso de linguagem exagerada, causando impacto emocional seja no jornal impresso, no rádio, na TV ou em portais de notícias com informações de teor violento, casos fora do comum destinados a classes desfavorecidas de intelectualidade.

As imagens veiculadas são fortes. Se há uma vítima de acidente, por exemplo, para os jornalistas sensacionalistas o viável é mostrar a pessoa morta no chão e a família chorando e contando a história. Isso faz com que o público se emocione e se sensibilize com o que está sendo relatado; que o leitor possa estar lá, sentindo a emoção de perto.

Notícias com viés de morte violenta, estupro e prisões, em que o preso é julgado na matéria como uma pessoa desacreditada, são facilmente encontradas em jornais sensacionalistas. Este tipo de notícia pode ser chamado de *fait divers*. Sobre essa temática Danilo Angrimani (1995, p. 26) explica:

O *fait divers*, como informação auto-suficiente, traz em sua estrutura imanente uma carga suficiente de interesse humano, curiosidade, fantasia, impacto, raridade, humor, espetáculo, para causar uma tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte. Consequentemente, provoca impressões, efeitos e imagens [...]. A intenção de produzir o efeito de sensacionalismo no *fait divers* visa atrair o leitor pelo olhar na manchete que anuncia um acontecimento produzido, jornalística ou discursivamente, para ser consumido ou reconhecido como espetacular, perigoso, extravagante, insólito, por isso, atraente.

Conforme assinala Angrimani(ANGRIMANISOBRINHO, 1995, p. 41), a linguagem sensacionalista promove uma ligação entre o leitor e a notícia, levando o consumidor da informação a se envolver emocionalmente.

[...] [Sensacionalismo] é basicamente uma forma diferente de passar uma informação; uma opção; uma estratégia dos meios de comunicação. Mesmo um telejornal (ou radiojornal) não-sensacionalista pode ter em alguns 20 momentos de sua produção momentos sensacionalistas [...] A apresentação deve ser chocante, exigindo o envolvimento emocional do público [...]

Levando em consideração que o jornalismo sensacionalista provoca uma sensação no indivíduo, tentando trazer emoção para quem está consumindo a notícia, fazendo que este participe da cena, se faz necessário entender o *fait divers* dentro do jornalismo sensacionalista. Nesse sentido, Barthes (1977, p. 263) observa:

[...] o caso do dia (a palavra parece pelo menos indicá-lo) procederia de uma classificação do inclassificável, seria a recusa desorganizada das notícias informes; a sua essência seria privativa, só começaria a existir onde o mundo deixasse de ser nomeado submetido a um catálogo mundialmente conhecido (políticas, economia, guerras, espetáculos, ciências, etc.); numa palavra, seria uma informação monstruosa, análoga a todos os factos excepcionais ou insignificantes, em resumos anômicos, que normalmente classificamos pudicamente na rubrica dos Varia.

O *fait divers* refere-se a uma notícia de pouca importância, um fato sem grande destaque, o inverso de uma notícia relevante. É um dos primeiros recursos editoriais utilizados para chamar atenção do público, cobrindo fatos diversos como escândalos, curiosidades e bizarrices. Os jornais que se dedicam a esse gênero são considerados como imprensa do povo ou imprensa popular.

2.3 ESTIGMATIZADOS E MONSTROS: ETIQUETAMENTO DO PRESO

Em sua obra *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Goffman (1980) analisou, no contexto do desempenho dos papéis sociais, de que maneira cada indivíduo projeta sua imagem, como a mantém e como a apresenta ao mundo exterior. Elencou, ainda, a sociedade como uma categorização de pessoas, atribuindo propriedades consideradas comuns e naturais aos indivíduos.

O convívio social nos permite relacionamentos de amizade, ou não, com outras pessoas. Quando um indivíduo é apresentado, observamos seus atributos no decorrer da comunicação. Procuramos observar o comportamento do sujeito inserido naquele contexto para interpretar seu estilo de vida, se é semelhante com o nosso ou não. Quando ficamos frente a frente com esse cidadão, podem surgir evidências ou características diferentes que fazem com que este seja percebido como uma pessoa menos desejada, má ou perigosa.

Ainda no processo de interação, os indivíduos acabam julgando uns aos outros

imputando uma categorização efetiva chamada por Goffman (1980) de *identidade social virtual*— atributos que se imagina possuir perante um contato inicial, uma primeira impressão. No decorrer da conversação, com uma aproximação maior passa a configurar-se uma identidade social real, ou seja, a realidade é comprovada diante das propriedades do sujeito. Diante dessa relação no espaço social, são descobertas as pessoas estigmatizadas e as pessoas “normais”.

O estigma serve para reafirmar os padrões de normalidade da sociedade e garantir a administração social. Para que a sociedade viva em coletividade os grupos e indivíduos precisam de regras, e aqueles que fogem destas são separados, marcados e controlados para que a regra se mantenha.

A palavra estigma utilizada pelos gregos fazia referência a sinais corporais que identificavam algo diferente, extraordinário. Os vestígios eram feitos nos corpos para identificar que o portador era um escravo, criminoso, um traidor, um elemento que devia ser evitado em lugares públicos.

Goffman(1980) define uma pessoa estigmatizada como um indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena, marcado por uma marca ou sinal que designa seu portador como desqualificado ou menos valorizado. Estas marcas corporais podem ser visíveis ou não, mas também podem ser marcas construídas em meio ao convívio social.

Se as marcas corporais eram produzidas com a finalidade de sinalizar às pessoas que o seu portador era um ladrão, traidor ou escravo, alguém de status moral inferior, com quem deveria ser evitado qualquer contato mais próximo, evidentemente a sua imediata e inconfundível visibilidade era imprescindível. A marca social que representa hoje o estigma não é visível, mas a manipulação que se faz do estigma e o tratamento especializado dispensado ao estigmatizado podem aumentar a visibilidade da condição especial desse indivíduo. (OMOTE, 2004, p.295).

Outros autores como Flávia Schilling e Sandra Miyashiro (2008) definem o estigma como uma marca, uma mancha, algo que é indigno ou vergonhoso. Sadao Omote (2004) afirma que é algo com um profundo sentido depreciativo que causa o descrédito, que torna um indivíduo diferente das pessoas comuns.

Goffman (1980) vai além, e divide os tipos de estigma em três classificações. A primeira está associada a defeitos e imperfeições, a segunda correlacionada ao caráter individual e a última aos estigmas tribais de raça, nação e religião. Retomando a

primeira classificação, existe, mas abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Na segunda classificação, temos as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, pessoas que gostam do mesmo sexo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Por fim, no que diz respeito aos estigmas tribais de raça, nação e religião, estes podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. Enumerados esses processos, o autor aponta uma ligação entre estigma e desvio, estabelecendo uma relação com um grupo de indivíduos que não adota as normas vigentes e possui um comportamento desviante.

As prostitutas, os viciados em drogas, os delinquentes, os criminosos, os músicos de jazz, os boêmios, os ciganos, os parasitas, os vagabundos, os gigolôs, os artistas de show, os jogadores, os malandros, das praias, os homossexuais, e o mendigo impenitente da cidade seriam incluídos, uma vez que, essas pessoas são consideradas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social. (GOFFMAN, 1980, p. 154-155).

Os detentos, por exemplo, por mais que cumpram suas penas, sempre serão marcados pela sociedade como estigmatizados. Independentemente da quitação de suas dívidas com a justiça, vão carregar essa taxaço, esse descrédito, até o fim de seus dias. Dificilmente poderão ter oportunidades de empregos, estando as possibilidades no mercado de trabalho quase sempre restritas, ou inexistentes. Este descrédito pode se estender para o ciclo de amizade formado por aqueles que os cercam, principalmente as mulheres de detentos. Essas marcas podem acabar contaminando todos à sua volta (a exemplo dos filhos ou da esposa), conforme observa Goffman (1980, p.57): “[...] uma pessoa com ordem de prisão pode contaminar legalmente qualquer um que seja visto em sua companhia, expondo-o à prisão como suspeito.”

Existem as pessoas que são penalizadas por este fenômeno sem se classificar como estigmatizadas, sem ter relações com esses punidos. É o caso das comunidades, favelas, que carregam o estigma da criminalidade que se estende por todos os moradores, seja diante da polícia, das classes favorecidas ou da mídia. Isso reforça a tese de que o estigma é uma construção social e mostra que ele é relativo, conforme asseguram Schilling e Miyashiro (2008, p. 280):

O que designará a condição de estigmatizado ou não do filho de presidiário, por exemplo, não é a priori o encarceramento de um dos progenitores, mas o contexto sociocultural e de relações em que essa informação é fornecida ou visível. É preciso analisar em quais circunstâncias esse aspecto da trajetória pessoal constitui um fator estigmatizante ou de distinção.

Goffman (1980, p. 28) debate socialização do estigmatizado como o resultado da divergência entre a identidade virtual e a identidade real que estraga a sua identidade social compreendendo que o indivíduo se afaste da sociedade e de si mesmo, "[...] de tal modo que ele acaba por se tornar uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo". Ou eles se aproximam de grupos que compartilham do mesmo estigma devido à aceitação ou eles tentam mostrar que podem ser iguais aos normais buscando superar as limitações.

Para compreender os efeitos de sentido de caráter julgador no programa policial Cidade em Ação como objeto de estudo desta pesquisa, fez-se necessário assimilar a construção do que é *normal* para Michel Foucault e o discurso de normalização ministrado por ele no início de 1975, no Collège de France.

Foucault (1997) analisou exames psiquiátricos e sua correlação com o direito penal, partindo dos casos de monstrosidade criminal até a elaboração do diagnóstico dos anormais. O autor apresenta três personagens distintos representantes do anormal: o monstro humano, o indivíduo a corrigir e o onanista— este último não será enfatizado neste trabalho, uma vez que foge da temática proposta.

De forma detalhada, Michel Foucault (1997) apresenta o indivíduo monstro como componente composto por um dos ancestrais genealógicos do anormal, representados pela violação das leis humanas e naturais em estado absoluto. Na Idade Média, por exemplo, a combinação de duas espécies: humanos x animal, os hermafroditas e irmãos siameses. Com o surgimento da psiquiatria, as particularidades tidas como monstruosas começaram a ser apresentadas de outras formas— pelo intuito, o desejo perverso, na vocação do crime que faz parte da monstrosidade— e não mais pelas aberrações anatômicas.

A segunda figura que se enquadra no campo da anormalidade é o indisciplinado ou incorrigível.

O que define o indivíduo a ser corrigido, portanto, é que ele é incorrigível. E, no entanto, paradoxalmente, o incorrigível, na medida em que é incorrigível, requer um certo número de intervenções específicas em torno de si, de sobre intervenções sem relação às

técnicas familiares e corriqueiras de educação e correção, isto é, uma nova tecnologia da reeducação, da sobrecorreção. [...] O eixo da corrigibilidade incorrigível vai servir de suporte a todas as instituições específicas para anormais que vão se desenvolver no século XIX. (FOUCAULT 1997, p. 73).

O cidadão a ser corrigido vivencia em família, escolas e igreja. Ele é incorrigível porque necessita da criação de tecnologias para a reeducação, como proposta de correção, para que possa viver em sociedade. A conduta abominável refere-se a regulamentações específicas que determinam os espaços sociais onde se estabelece uma relação de inclusão e exclusão.

Esses dois personagens (o monstro e o incorrigível) se configuram como princípios de explicação da anormalidade. Essas figuras carregam elementos de incompatibilidade com o estado espera do por uma sociedade normalizadora sem afronta a ordem natural, divina e jurídica. A certificação de estados de anormalidade é baseada no pretexto da proteção da sociedade, da ordem jurídica, institucional e moral.

O sujeito anormal degenerado, não educável, não disciplinável, resistente à penalidade, é o monstro para o qual serão erguidos conceitos e teorias e variadas instituições e práticas. “É para o indivíduo perigoso, isto é, nem exatamente doente nem propriamente criminoso, que esse conjunto institucional está voltado [...]” (FOUCAULT, 1997, p. 43). Esse elemento, por apresentar tais características, é retirado do convívio social e posto dentro de prisões.

Na obra *Vigiar e punir* Foucault (2006) analisa o nascimento da prisão, as formas de punições existentes no século XVIII, as modificações na modernidade e como se estabelece o poder disciplinar partindo das práticas estabelecidas. Este estudo avalia a maneira pela qual o direito auxilia a norma como um processo de formação de condutas humanas esperadas como normais. Nele, é investigado o surgimento da prisão como parte de uma transformação mais ampla do poder, ocorrida há três séculos, e como o encarceramento está relacionado com uma nova configuração de sociedade com base em disciplinas.

Foucault (2006) utiliza exemplos para demonstrar como os presos da Antiguidade Clássica e da Idade Média eram punidos de forma bruta pelo soberano que exercia o poder sobre eles. O castigo era tido como forma de punição e de reafirmação de inferioridade perante o poder absoluto, pois, quando um crime era praticado por uma pessoa, era visto como forma de desrespeito à sociedade e aos governantes. Esse ritual tinha por finalidade conservar e estimular a força soberana. As ordens de direito

vigentes estavam presas ao regime de soberania real.

Essa posição amparada por uma justiça que agia em nome do soberano levantou questionamentos a respeito de uma reformulação dos códigos penais europeus. No século XIX, encontramos essas mudanças no estilo da pena. Já não existia o suplício e começou a existir a pena de reclusão. Na época, era a forma de corrigir o preso sem causar escândalos diante da justiça tradicional e da sociedade. As punições já não visavam mais agredir o delinquente, embora ainda houvesse sofrimentos, ainda que de forma mais leve.

O suplício repousa na arte quantitativa do sofrimento. Mas não é só: esta produção é regulada. O suplício faz correlacionar o tipo de ferimento físico, a qualidade, a intensidade, o tempo dos sofrimentos com a gravidade do crime, a pessoa do criminoso, o nível social de suas vítimas. Há um código jurídico da dor; a pena, quando é suplicante, não se abate sobre o corpo ao acaso ou em bloco; ela é calculada de acordo com regras detalhadas: número de golpes de açoite, localização do ferrete em brasa, tempo de agonia na fogueira ou na roda (o tribunal decide se é o caso de estrangular o paciente imediatamente, em vez de deixá-lo morrer, e ao fim de quanto tempo esse gesto de piedade deve intervir), tipo de mutilação a impor (mão decepada, lábios ou língua furada). (FOUCAULT 1997, p. 36).

A prisão passou a ser utilizada como modelo único para prevenir e reprimir os diferentes tipos de delitos praticados em sociedade. A pena não se centralizava mais no sofrimento como castigo, mas abriu espaço para a moderação da correção. Desse modo, o deslocamento da penitência sobre o corpo para a alma do indivíduo acabou resultando em um novo tipo de poder— saberes, técnicas e discursos— que vai ser utilizado para modificar o comportamento dos detidos.

O novo modelo passa a ser visto na Idade Moderna como a interioridade de cada pessoa precisa ser atingida no sistema prisional como sistema de punição. As penas passaram a ser dadas em forma de trabalhos mais rígidos se a prisão passou a significar não mais a tortura, mas a privação de liberdade do indivíduo. Além do serviço forçado, também eram tidos como castigo: redução alimentar, a retirada do sexo, isolamento etc.

Analisando os estágios pelos quais passaram os sistemas punitivos e coercitivos desde a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade, Foucault (2006) analisa a prisão como sistema de privação da liberdade com objetivo de reformar o indivíduo que um dia ofereceu perigo para a sociedade. Embora a prisão tenha surgido como uma função de correção, no sentido de tornar o indivíduo dócil, ela foi determinante para acentuar a criminalidade, fazendo com que o preso reproduzisse os delitos que havia cometido fora

dela.

Em *Vigiar e punir*, Foucault (2006, p.255) elenca sete maneiras que, aparentemente, ajudariam no bom funcionamento das prisões: Princípio da correção; Princípio da classificação; Princípio da modulação das penas; Princípio do trabalho como obrigação e como direito; Princípio da educação penitenciária; Princípio do controle técnico da detenção e Princípio das instituições anexas. Com isso, a expectativa é que, após o cumprimento dessas regras, o sistema mande de volta para a sociedade os indivíduos recuperados para um convívio normal.

2.4 SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO: SOB A PERSPECTIVA DA SUPER LOTAÇÃO

Contando com uma população carcerária de 726.712 pessoas, o Brasil ocupa o terceiro lugar no *ranking* dos países que mais prendem pessoas no mundo, de acordo com levantamento realizado em 2016 pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), ficando atrás dos Estados Unidos (2.145.100 presos) e da China (1.649.804 presos).

O Sistema de Informações Estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro (Infopen) divulga estatísticas do sistema penitenciário brasileiro, a partir de um formulário de coleta estruturado preenchido pelos gestores de todos os estabelecimentos prisionais do país. Estes dados têm por objetivo emitir alertas para o governo, visando a elaboração de projetos que melhorem a aplicação dos recursos públicos no sistema penitenciário.

Em 2016, o Brasil apresentava um quadro de 726,712 encarcerados, com capacidade nas unidades prisionais de 368,049 vagas. Cruzando as informações observamos um déficit de 358,663, ou seja, número de detentos não acompanha a quantidade de vagas existentes nas unidades prisionais.

A pesquisa revelou a tipificação dos crimes que permeiam os presídios brasileiros e que não podem passar despercebidos. Os crimes relacionados ao tráfico de drogas são os que mais levam pessoas para o encarceramento, seguidos daqueles relativos a roubos e furtos e, em terceiro lugar, daqueles associados à prática de homicídios. O tráfico de drogas corresponde a 28% da população carcerária; roubos e furtos, somados, a 37%; e homicídios intencionais, a 11% do percentual de privados de

liberdade.

O Sistema de Informações Estatísticas do Sistema Penitenciário Brasileiro (Infopen) do ano de 2016 disponibilizou também, através de levantamento, o perfil dos detentos brasileiros: 64% de pessoas negras, 1% de pessoas amarelas e 35% de pessoas brancas.

Outra pesquisa mais recente, Monitor da Violência, do portal de notícias G1 em parceria com a USP, divulgada no ano de 2019², os presídios estão 70% acima da capacidade de detentos, com 704,4 mil presos em penitenciárias espalhadas pelo país— levando em consideração os privados de liberdade que aguardam julgamento em cadeias e no regime aberto (os que voltam apenas para dormir), esses dados ultrapassam 754.200 reclusos. Este excesso populacional favorece a atuação, de forma ativa, das facções criminosas nas unidades e prejudica a atuação do Estado na garantia da ordem e da segurança dos presos. Em 2018, o estudo apontou uma queda na superlotação; entretanto, em 2019 os presídios brasileiros voltaram a registrar um crescimento populacional de 2,6%.

As unidades penitenciárias comportam 704.395 presos, mas a capacidade total é para 415.960 detentos, o que implica dizer que existe um déficit de 288.435 vagas. Esse total de detentos engloba aqueles presos que aguardam julgamento nos regimes fechado, aberto e semiaberto.

Ainda que, os dados mostrem um crescimento na superlotação do sistema prisional do Brasil, na Paraíba houve uma diminuição dentro das unidades em 2019. Ainda com base nos dados, atualmente o estado tem 12.808 presos, levando em consideração os detentos dos regimes fechado e semiaberto. No ano de 2018, a superlotação registrava 126,6%; em 2019 houve uma diminuição, passando para 70%— uma redução de aproximadamente 45%.

A pesar de que, a pesquisa do Monitor da Violência aponte uma redução, ainda existe um longo caminho para que haja uma queda significativa, considerando que a quantidade de vagas existentes nas penitenciárias paraibanas é de 7.069; ou seja, 4.946 presos vivem de forma desumana dentro dos presídios.

²Tendo sido iniciados em setembro de 2017, todos os projetos desenvolvidos por essa parceria seguem um rito: pauta é discutida em conjunto entre todos os parceiros; para balizá-la, é utilizada a metodologia acadêmico-científica do NEV e do FBSP; o levantamento dos dados é feito por jornalistas do G1, que também fazem a investigação *in loco*; pesquisadores do NEV e do FBSP revisam e analisam os dados (demandando, por vezes, ajustes e nova apuração); textos e infográficos são produzidos pelo G1; e tanto o NEV como o FBSP produzem artigos analíticos sobre o tema (G1, 2018). Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/monitor-da-violencia-metodologia.ghtml>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

Em 2018, a Paraíba se encontrava na listados cinco estados com maior percentual de superlotação carcerária, seguida de Roraima, Goiás, Amazonas e Pernambuco. Em 2019, o estado saiu do *ranking*, abrindo espaço para o Distrito Federal e o Ceará.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, abordaremos inicialmente o contexto do programa *Cidade em Ação* – as rotinas dos produtores, repórteres e a linha editorial do jornal, traçamos um panorama dos programas policiais exibidos no mesmo horário do programa estudado. Destacaremos o *corpus* de nossa pesquisa e os critérios de escolha. Apresentaremos ainda a trajetória do apresentador do programa *Cidade em Ação* Sikêra Júnior. Por fim, discorreremos acerca da Análise de Discurso e os procedimentos de interpretação que utilizaremos nos resultados que compõe o quarto capítulo deste trabalho.

3.1 CONTEXTO DO PROGRAMA *CIDADE EM AÇÃO*

O programa policial *Cidade em Ação* é exibido de segunda a sábado, no horário de 12h às 13h40, na TV Arapuan, afiliada da Rede TV! em João Pessoa (PB), desde 2008. Ao longo de 12 anos a atração contou com 11 diferentes apresentadores, com várias formações: 1 (um) biólogo e matemático, 1 (um) advogado, 1 (um) radialista, 3 (três) jornalistas e 5 (cinco) sem nenhuma formação superior. Atualmente (em 2020) o jornalista Bruno Pereira comanda o noticiário.

Quadro 1 - Apresentadores e formação dos apresentadores

APRESENTADOR	FORMAÇÃO	ANO
Jonas Batista	Graduação em Jornalismo	2008 e 2013
Samuka Duarte	Graduação em Matemática	2010
Nilvan ferreira	Sem formação acadêmica	2011
Jota Júnior	Sem formação acadêmica	2012
Vinícius Henriques	Graduação em Direito	2014
Samuka Filho	Graduação em Rádio e TV	2014
Victor Freitas	Sem formação acadêmica	2015
Washington	Sem formação acadêmica	2015
Sikêra Júnior	Sem formação acadêmica	2018
Adelton Alves	Graduação em Jornalismo	2019
Bruno Pereira	Graduação em Jornalismo	2020

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração própria.

A TV Arapuan é uma emissora de televisão aberta, opera no canal 14 (UHF) e entrou no ar no dia 5 de outubro de 2008. A construção diária do programa policial

conta com a colaboração de vários profissionais, tais como o diretor de jornalismo, o editor-chefe, um produtor, três repórteres e três cinegrafistas. O estúdio conta com a participação de dois operadores de câmera, um sonoplasta, um operador de exibidor de caracteres e o diretor de imagens.

No período da manhã, entre oito e nove horas, acontece a reunião de pauta entre o diretor de jornalismo, o editor-chefe e o produtor. Algumas vezes o repórter que está no plantão participa, caso não esteja acontecendo alguma ocorrência na rua. Após o debate do que vai entrar no ar, a Produção se preocupa em marcar as transmissões ao vivo dos repórteres (que devem acontecer durante o programa), além das pautas pré-agendadas. Contudo, no decorrer do programa, pode acontecer um *factual* (a exemplo de um homicídio ou um acidente), e, dependendo da importância do acontecimento, este pode entrar como prioridade e acabar eliminando os *vivos* que foram pré-marcados.

Enquanto o produtor se preocupa com as pautas a serem desenvolvidas ao vivo, o editor-chefe do programa edita as matérias com o editor de vídeo (selecionando as cenas da forma que lhe convém) e, ao mesmo tempo, fica em comunicação com o repórter (para saber o que está acontecendo durante o dia na rua) ou liga para cobrar matérias que foram feitas no período da manhã. Os repórteres se pautam sozinhos, através de informações que chegam por meio do aplicativo *WhatsApp* ou do radiocomunicador (Figura 1). Além disso, não precisam do produtor para ligarem para os entrevistados e gravarem as matérias. Desse modo, eles recebem a informação, checam com a fonte, mas não se guiam por pautas criadas pelos profissionais que ficam na Redação.

Os repórteres usam radiocomunicador, cuja frequência abarca a linha do SAMU³ e da Polícia Militar (PM). Na prática, funciona assim: como as frequências estão interligadas (repórter x SAMU/PM), as ocorrências que são passadas por estas instituições para os profissionais que estão nas ruas chegam até o repórter pelo radiocomunicador; ou seja, quando, por exemplo, o Centro Integrado de Operações da Polícia Militar passa determinada informação (via rádio) para uma viatura que está na rua, devido às conexões de frequências, o repórter fica por dentro da situação.

³ Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.

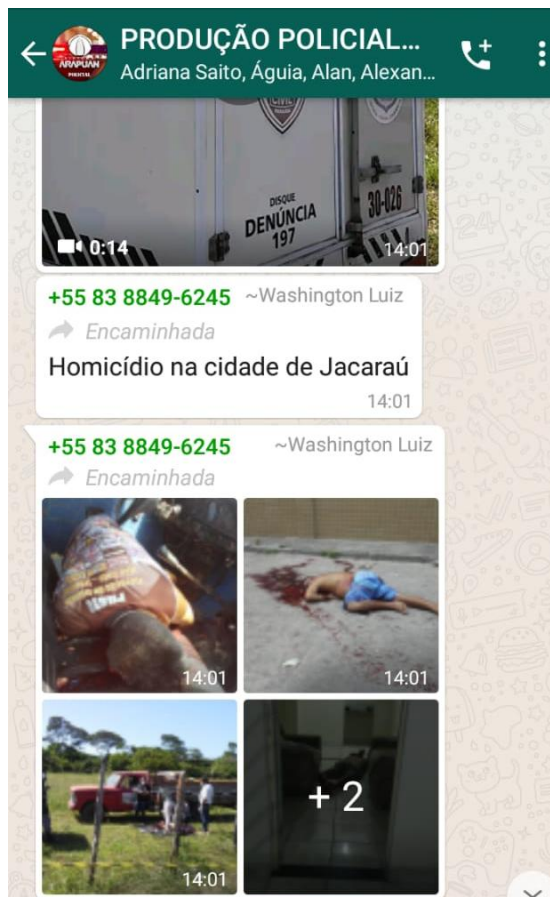
Figura 1– Radiocomunicador do repórter Flávio Fernandes



Fonte: registro fotográfico do pesquisador

A área de jornalismo policial da TV Arapuan também conta com um grupo de *WhatsApp* intitulado “Produção Policial Arapuan”, constituído apenas dos profissionais da área dentro da emissora, contando com 37 membros que colaboram mutuamente com a troca de informações. Nele são disponibilizadas informações de ocorrências em tempo real recebidas por fontes confiáveis. Na Figura 2, podem-se observar imagens de um corpo e um vídeo referentes a um homicídio ocorrido na cidade de Jacaraú, a 98 km da capital paraibana.

Figura 2 - Print do grupo de *WhatsApp* “Produção Policial Arapuan”



Fonte: captura de tela feita pelo pesquisador

Durante o período da manhã, Flávio Fernandes é o repórter, conforme já foi referido. Ele se pauta com informações passadas pelo rádio, por fontes ligadas à polícia ou por moradores das comunidades de João Pessoa. Flávio Fernandes não tem formação em jornalismo.

O repórter Márcio Rangel, da cidade de Campina Grande, além de cobrir os acontecimentos deste município, fica responsável por trazer as informações do restante do estado, da região do Cariri, Sertão e Alto Sertão. Márcio possui graduação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e tem especialização na área de mídia.

O repórter Marcos Antônio cobre o turno da tarde na TV Arapuan (a partir das 13h), colaborando com o programa com a participação ao vivo. Marcos não tem formação em Jornalismo.

Durante a apresentação do programa *Cidade em Ação*, na *switch*⁴ da TV Arapuan, ficam o diretor de jornalismo (que dirige o programa) e o editor-chefe (que acompanha todo o processo de produção do noticiário), enquanto o produtor fica na Redação observando as concorrentes (TV Cabo Branco e TV Correio).

Além dos jornalistas citados, colocam o programa no ar profissionais como o sonoplasta Bruno Bernard, que regula as trilhas sonoras do programa e também libera o som das matérias e dos microfones dos repórteres nas inserções ao vivo. Bruno não tem formação superior. No mesmo espaço fica a operadora de exibidor, Carla Cavalcante, a quem é atribuída a função de soltar as matérias no ar e retirar as matérias. Carla não tem formação superior. Há ainda o diretor de corte de imagens, Firmino Falcão, responsável por escolher as melhores imagens que devem entrar no ar, além de ficar atento a qualquer falha durante o programa (pois também cabe a ele a função de cortar a imagem e retirá-la do ar). O diretor de corte fica em comunicação durante o programa com os dois operadores de câmera que ficam no estúdio. As imagens que são jogadas no ar dependem destes dois profissionais, Cesar França e Erivelton Lins, que não têm formação superior.

O operador de *teleprompter*⁵, Daniel Moura, fica responsável em passar o texto para o apresentador, a exemplo da escalada⁶, da cabeça das matérias⁷, de notas cobertas⁸

⁴ Sala de controle geralmente ocupada durante a permanência de um programa no ar.

⁵ Equipamento que exibe o texto a ser lido por um apresentador.

⁶ Conjunto de manchetes anunciadas no início de um programa.

e uma eventual nota pé⁹. Esse texto é repassado pelo editor-chefe. Assim como todas as outras, essa função é importante, uma vez que há a necessidade de se acompanhar o tempo de leitura do apresentador. Daniel não tem formação superior. Já o operador de caracteres, Salismar Júnior, fica, enfim, responsável por creditar as pessoas que aparecem nas matérias, além daquelas pessoas que entram no estúdio (embora isso não aconteça sempre). Salismar tem formação em Rádio e TV pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O programa *Cidade em Ação* é considerado pelos funcionários e pelo presidente da empresa, João Gregório¹⁰, como carro-chefe da emissora, pois trata-se de um jornal que tem o segundo maior número de anunciantes, perdendo apenas para o *Rota da Notícia*. O *Rota*, como é chamado pelos profissionais da casa, é um programa policialesco que traz o resumo dos principais acontecimentos do dia, com entradas ao vivo, atualização dos acontecimentos que viraram notícias no programa *Cidade em Ação* e com novas notícias em tempo real (brigas e/ou acidentes de trânsito, prisões, homicídios etc.). Neste programa o telespectador tem uma participação mais direta e ativa, dada a possibilidade do envio de mensagens de vídeo por meio do aplicativo *WhatsApp*.

O programa *Rota da Notícia* é apresentado por Vinicius Henriques de segunda a sexta-feira, das 17h45 até as 19h. O apresentador do programa não tem formação em Jornalismo, mas possui graduação em Direito.

Embora o programa *Cidade em Ação* seja o segundo com mais anunciantes, é o que cobra mais caro para anunciar durante um minuto e trinta segundos de *merchandising*¹¹. Para cada *merchandising* anunciado é cobrado um valor mensal de aproximadamente vinte mil reais.

O programa *Cidade em Ação* é um jornal que dispensa os modelos tradicionais regidos pelos manuais de redação. É feito no improviso, ao vivo, com uma linguagem coloquial e opinativa. Todas as matérias veiculadas no programa são pontuadas pela opinião do apresentador. A audiência do programa é considerada alta — em 2018 (período correspondente às matérias aqui analisadas) a pesquisa do IBOPE aferida no

⁷ Introdução usualmente lida antes da veiculação em si de uma matéria/reportagem.

⁸ Notícia apresentada com o apoio de imagens.

⁹ Considerações e/ou esclarecimentos complementares lidos após a exibição de uma matéria/reportagem.

¹⁰ O dono do Sistema Arapuan de Comunicação não tem formação em Jornalismo, mas possui graduação em Administração.

¹¹ Sendo um conceito da área do *marketing*, trata-se de um termo em inglês que indica uma funcionalidade de **planejamento e promoção de um produto**, no local e tempo adequados; ou seja, refere-se a todos os esforços destinados a valorizar esse produto.

mês de novembro, por exemplo, apontou o programa como o terceiro mais assistido na TV aberta, e, ainda, o segundo colocado entre aqueles do segmento policial. No *ranking* geral, a TV Cabo Branco (afiliada da Rede Globo) ocupa a segunda posição no IBOPE, porém ela não entra no segmento policial.

A prioridade gira em torno dos fatos que acontecem na capital paraibana, a exemplo de assuntos relacionados à segurança pública, violência (homicídio, estupro etc.) e comunidade. Com entradas de repórteres ao vivo, veicula a captação de imagens em tempo real de tragédias e desastres que estejam acontecendo em João Pessoa ou em cidades vizinhas.

Quadro 2 – Índices do IBOPE dos programas policiaiscos na Paraíba (nov./2018)

PROGRAMA	EMISSORA	APRESENTADOR	PONTOS
Correio Verdade	TV Correio	Samuka Duarte	39,62
Cidade em Ação	TV Arapuan	Sikêra Júnior	14,44
Fala Cidade	TV Manaíra	Victor Freitas	Não pontuou

Fonte: elaboração própria/com dados disponibilizado pelo portal clickpb.com.br

O programa começa com uma chamada (*teaser*)¹², feita através de trechos de falas que chamam a atenção devido ao assunto ou a uma imagem forte, com o objetivo de conquistar a atenção dos telespectadores. No início do programa, o apresentador aparece com uma expressão facial bem séria — com isso, sua imagem é levada ao ar em um plano fechado (close), onde ganha destaque o rosto, mostrando o movimento da sobrancelha e voz forte.

Em seguida, entra a escalada, trazendo as principais manchetes do jornal com imagens, o *off*¹³ e sobe o som de entrevistas. Nas cabeças das matérias (texto lido pelo apresentador para chamar a matéria/reportagem, conforme mencionado anteriormente) o enquadramento é sempre realizado no plano médio (da cintura do apresentador para cima), mostrando os gestos das mãos, mudanças na postura e movimentos com a cabeça. Normalmente, os textos são bem claros, com dinamismo e precisão no discurso.

São exibidas de sete a dez matérias/reportagens por programa, que dividem espaço com a opinião do apresentador e com as inserções de *merchandising*. O *Cidade em Ação* tem por prioridade começar com um *link* ao vivo, com alguma tragédia que

¹² Termo em inglês (associado ao *marketing*) que se refere a uma técnica usada para provocar interesse de quem está vendo ou assistindo. No contexto do jornalismo, especificamente, o *teaser* é produzido a partir de uma informação importante e geralmente é veiculado no início do noticiário.

¹³ Locução coberta por imagens. Geralmente, quem escreve é o repórter, sempre no intuito de deixar o texto atraente e claro.

esteja acontecendo naquele momento. Quando o programa começa com uma matéria/reportagem o critério utilizado é o acontecimento mais "quente", a matéria mais forte do dia — geralmente esse critério é uma forma de prender a atenção do telespectador e, também, de chamar a atenção.

O apresentador Bruno Pereira, 24 anos, oito anos de profissão e três meses como apresentador do programa *Cidade em Ação*, se apresenta com uma postura séria, enfática, revelando um estilo rígido. As roupas com as quais ele se apresenta no programa (terno, camisa social, calça e gravata) são o resultado de uma parceria do apresentador com uma loja de ternos. Nos sábados, contudo, ele costuma apresentar o programa de maneira mais informal (com terno, calça *jeans* e camisa por dentro).

As cores que predominam no estúdio são o azul, o vermelho e o branco, com um painel com o logotipo do programa. E dentro do estúdio existem três câmeras para exibição do noticiário: uma grua (câmera de teto) e duas fixadas em um tripé.

Além do programa *Cidade em Ação*, outros programas locais seguem a linha do segmento policial, a exemplo de *Correio Verdade*, *Fala Cidade* e *Tambaú da Gente*. Esses programas policiais se destacam pela tragédia, conhecida como *fait divers*, como já apresentado em capítulos anteriores. Os apresentadores ganham destaque e notoriedade pela forma como conduzem os noticiários — a percepção é que eles se travestem visando dramatizar os fatos, e causar sensações sensibilizando emocionalmente os telespectadores, visando à audiência.

E na busca da audiência, os programas policiais brasileiros se reconfiguram e, conseqüentemente, as mudanças vêm acontecendo na editoria e modificando os princípios do jornalismo, a exemplo da checagem correta dos fatos, da imparcialidade, entre outros. Acerca dessas mudanças em programas populares, José de Souza (2004, p. 140) explica:

A “fórmula” básica destes tipos de programas seria a de levar à tela casos de pessoas com doenças graves e deformações, brigas, crimes e abusos policiais. A lista de programas de variedades que aderiram à fórmula é grande, sempre associada a um nome de apresentador, que estimula a reação de espanto do público: Márcia Goldschmidt, João Kléber, José Luís Datena e outros transitam por programas que se autodenominam jornalísticos, de serviço ou de debate, a maioria com auditório. São de variedades, mas nem tanto.

Partindo desse pressuposto e colocando em evidência os quatro programas policiais do estado, podemos dizer que estes não são reconhecidos como jornalísticos porque (de acordo com o autor mencionado acima) essa fórmula é para aqueles que se

promovem ou se auto-intitulam de *jornalismo*. Mas na percepção de Campello (2008), a definição de programas jornalísticos, na adaptação de Souza (2004), o termo jornalismo policial se enquadra em noticiais, como os programas *Cidade em Ação*, *Correio Verdade*, *Fala Cidade* pelo formato que lhes são atribuídos. De acordo com este autor, os programas policiais são a soma de narrativas do cotidiano e, assim sendo, se não fundam um novo gênero na televisão brasileira, criam um novo formato de telejornalismo (CAMPELLO, 2008, p. 17).

Equiparando o noticiário policial com o jornalismo tradicional, Periago (2004) chama a atenção para a diferença da qualidade entre ambos. O programa jornalístico seguiria um modelo americano, exigindo postura mais séria de repórteres e apresentadores, enquanto os programas policiais deixariam a notícia com um tom mais coloquial. Os vários movimentos de câmera (plano aberto, plano fechado, meio plano etc.), segundo Periago (2004), contribuem para a construção de um sentido dinâmico e frenético dos referidos programas populares. “A câmera parece estar nervosa [...]” (PERIAGO, 2004, p. 89) — os momentos dramáticos (e apelativos) e o imprevisto são determinantes em programas deste tipo, no sentido de passar uma impressão de que tudo aquilo que está sendo noticiado seja verdade.

Além desses componentes, o autor destaca outro fator neste jornalismo que se diferencia do tradicional: a linguagem, por se apresentar de modo mais informal, carregada de expressões coloquiais, gírias e até mesmo palavrões (a exemplo do caso do apresentador Sikêra Jr.), passando (ou tentando passar) uma ideia de sinceridade para o telespectador.

Um programa em que encontramos esses dois componentes na prática (jornalismo tradicional x jornalismo policial) é transmitido pela TV Tambaú — *Tambaú da Gente*, exibido de segunda a sexta-feira, das 11h45 às 13h e apresentado por Karine Tenório. A apresentadora, é formada pela Universidade Estadual da Paraíba, tem 34 anos de idade, com 12 anos de profissão, e está como apresentadora há um ano e seis meses.

O programa chega a ser diferente dos demais programas policiais, pois não segue totalmente a linha policial — o *Tambaú da Gente* segue uma linha mais ambígua, com poucas notícias policiais e com ênfase em um jornalismo com prestação de serviço e comunitário. Traz uma sensação de uma revista eletrônica; na sexta-feira, por exemplo, tem quadros que abordam a vida pessoal dos famosos. O programa estreou em 2019, e por isso não pontuou no IBOPE de 2018, como exibimos acima.

As matérias são compostas por textos e *off*, com entrada de repórteres ao vivo. A apresentadora se veste de modo simples — calça social com blusa de tecido comum; em alguns dias usa macacão ou saia. Um cenário simples, com duas telas em estúdio exibindo o logotipo do programa, com uma predominância local das cores cinza, amarelo e azul.

Em contrapartida, a TV Correio exibe o Programa *Correio Verdade*, apresentado por Samuka Duarte, desde janeiro de 2011. O apresentador, que não tem formação em jornalismo, tem 60 anos e permanece à frente do programa há 12 anos, mas atua na profissão há 25 anos.

O programa apresentado por Samuka Duarte é exibido de segunda a sábado, de 12h às 14h, no canal 12 em João Pessoa e transmitido por uma emissora que é afiliada da Rede Record na Paraíba. Sua linha editorial traz como prioridade a editoria policial, explorando bem os assuntos que causam sensações nos telespectadores. O *Correio Verdade* exibe os principais fatos policiais de todo o estado utilizando o *slogan* de “jornalismo verdade”. O programa é líder de audiência no horário de acordo com os dados do IBOPE — em novembro de 2018 este programa policiaisco liderou o horário com 39.62% de audiência na Paraíba. As matérias que são veiculadas no noticiário são narradas em tom de reprovação por parte dos repórteres, que realçam os aspectos mais violentos para causar impacto em que está assistindo. Contudo, essa forma de comentar as matérias em tom de reprovação acaba ganhando força quando volta da matéria/reportagem para o apresentador, que endossa mais ainda nos comentários.

Durante os comentários, o apresentador Samuka Duarte opina com julgamentos prévios, eleva o tom da voz, vai acrescentando informações que vão chegando durante o programa (repassadas pela editora do programa, Cristina Calvacante) e se utiliza de gestos e fala firmes em alguns momentos, passando uma sensação de quem está com raiva e desprezo.

Em suas vestimentas o apresentador é mais solto: dispensa gravata, usa calça *jeans*, uma camisa casual com o terno aberto. O jeito espontâneo do apresentador e a forma como interage (conversando com os consumidores da notícia) acabam cooperando para a liderança no horário de meio-dia, fazendo com que os jornais que não seguem o mesmo tipo de jornalismo policial acabem perdendo força, a exemplo daqueles produzidos pela TV Cabo Branco, afiliada da TV Globo. O programa *Correio Verdade* é composto por um cenário mais organizado esteticamente, com espaços amplos, com telas digitais e cores frias, onde o apresentador leva a apresentação do

programa em pé, comentando as notícias e interagindo com os telespectadores.

A TV Manaíra, afiliada da TV Bandeirantes em João Pessoa, é uma emissora pequena, mas também exibe durante o meio-dia um programa policial. O programa no ano de 2018 não pontuou no IBOPE. O programa *Fala Cidade* é apresentado por Victor Freitas — 30 anos de idade, há 11 atuando na profissão e comandando o programa há 10 meses —, que não é jornalista por formação e não tem graduação em outra área, tendo apenas concluído o Ensino Médio. O *Fala Cidade* é um programa policial, conduzido como um programa de auditório que abre espaço para cantores locais, mágicos, resultado de exame de DNA, palhaços e dançarinos.

O noticiário vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 11h40 às 13h20. Durante a apresentação das matérias o apresentador é bem espontâneo, sempre com tom de sorriso, mas em alguns momentos comenta com a expressão bem fechada, passando uma sensação de seriedade. Aparentemente, o estúdio é pequeno e muito simples, com uma tela no meio das tapadeiras¹⁴ com o logotipo do programa, algo bem amador — isso pode ser um dos fatores que contribuem para que o programa tenha pouca audiência durante o horário. Victor Freitas apresenta o programa bem despojado, seguindo o mesmo estilo de Samuka Duarte: terno aberto, camisa social, uma calça *jeans* e um crucifixo.

Mencionamos a TV Cabo Branco, mesmo que a emissora não se enquadre na editoria policial, pois esta transmite o telejornal *JPBI* no mesmo horário que os programas policiaescos são exibidos. O *JPBI* pratica um jornalismo tradicional, sem a emissão da opinião do apresentador e dos repórteres. Atualmente, o programa é apresentado pelo jornalista Danilo Alves. As matérias são compostas por textos e *off*, com entrada de repórteres ao vivo, e fazem parte de uma linha editorial que aborda todos os assuntos. Eles usam como base o manual de telejornalismo *O texto na TV*, de Vera Íris Paternostro, da matriz às filiais.

Desse modo, cabe ressaltar que buscaremos desenvolver nosso estudo dentro deste contexto. Para efeitos de análise desta pesquisa, de natureza qualitativa interpretativista no trato com os dados gerados, selecionamos cinco reportagens produzidas e exibidas pela TV Arapuan, durante o programa policial *Cidade em Ação*, apresentado por Sikêra Jr., do dia 1º de agosto a 12 de novembro de 2018. Na escolha não houve preocupação em atingir algum acontecimento específico neste período que

¹⁴ Tapadeiras são peças-chave na produção de cenário. Pode ser uma placa ou uma tela com desenhos ou imagens que se desejar.

fosse noticiado pelo programa em questão, mas apenas coletar os registros, a ser analisados. Para tanto, recorreremos às noções da Análise de Discurso francesa (AD), tais como discurso, interdiscurso, memória discursiva e formação discursiva como dispositivos analíticos. Tal demarcação se deu em razão das referidas reportagens apresentarem cenas/textos, narrativas discursivas que englobam a temática do nosso trabalho. Acreditamos, assim, que, a partir do recorte utilizado para compor o *corpus* desta pesquisa, possamos responder aos objetivos desta análise.

Para captação das reportagens analisadas no Capítulo 4, inicialmente, fizemos uma busca no *site* da TV Arapuan, tentando localizar as 16.452 mil¹⁵ reportagens exibidas durante o programa *Cidade em Ação* com os comentários do apresentador Sikêra Jr. Naquele momento, acreditávamos poder encontrar no portal da emissora todos os vídeos veiculados, em ordem cronológica das apresentações. Contudo, verificamos a inexistência desse arquivamento, de forma organizada, por parte daquela empresa de comunicação. Assim, recorreremos à plataforma de vídeos *Youtube*, no canal da TV Arapuan, que conta com 294 mil inscritos e disponibiliza 16.452 mil edições completas do referido programa, porém sem nenhum critério de arquivamento, pois os vídeos estão dispostos de forma aleatória.

A partir da localização das matérias acompanhadas dos comentários do apresentador no *Youtube*, selecionamos cinco reportagens para nossa análise. Para tanto, adotamos para a escolha do material o critério de reportagens com comentários em que o apresentador utiliza de discursividades que traduzem sentidos de espetacularização e teatralização em torno da notícia, a partir de suas narrativas, estigmatizando os presos e/ou pessoas detidas para averiguação que se tornaram notícia. Também optamos por escolher material por temáticas sociais para apreender o funcionamento discursivo em torno das minorias são produzidos pelo apresentador em seus programas televisivos. E para melhor desenvolvimento das análises, e compreensão dos resultados, dividimos as matérias em categorias, dadas na bibliografia sobre jornalismo policial, a saber: assalto, tráfico de drogas e assassinato. As referidas reportagens selecionadas são as seguintes:

¹⁵ Dados retirados da agência que administra as redes sociais do Sistema Arapuan.

Quadro 3 – Reportagens selecionadas para análise

#	TÍTULO DA REPORTAGEM	REPÓRTER	DURAÇÃO	DATA DA EXIBIÇÃO NA TV	Nº DE COMENTÁRIOS NO YOUTUBE	Nº DE LIKES NO YOUTUBE	Nº DE DISLIKES NO YOUTUBE
01	Jovem de 18 anos é preso com espingarda e maconha em Bayeux	Marcos Antônio	05min48	25/10/2018	194	4,8 mil	77
02	Polícia estoura boca de fumo e prende dois homens em Bayeux	Marcos Antônio	05min40	19/08/2018	12	395	13
03	Festa termina com duas pessoas feridas e travesti é presa	Washington Luiz	09min53	12/11/2018	345	8,5 mil	127
04	Jovem de 19 anos é preso com drogas nos Bancários	Marcos Antônio	05min56	01/08/2018	322	6,9 mil	147
05	Bandidos se passam por clientes e assaltam barbearia no Valentina	David Martins	10min27	05/09/ 2018	2	41	0

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração própria.

3.2 TRAJETÓRIA DO APRESENTADOR SIKÊRA JR.

O sujeito enunciativo desta pesquisa é o apresentador Sikêra Jr., que comenta os assuntos no programa televisivo. Melhor dizendo, José Siqueira Barros Júnior, nascido no dia 17 de junho de 1967 na cidade de Palmares (PE). Radialista, jornalista (sem formação acadêmica, com registro liberado pelo Supremo Tribunal Federal em 17 de junho de 2009), ator e apresentador de televisão. Sikêra Jr. começou a carreira de comunicador ainda muito novo, aos 14 anos, na Rádio Cultura dos Palmares, em Pernambuco, passou por outras rádios da região e trabalhou na TV Globo Nordeste e na TV Independente.

Em 1999 o apresentador se mudou para Maceió (AL), onde trabalhou nas rádios locais e entrou para a equipe de repórteres da TV Alagoas (atual TV Ponta Verde, afiliada do SBT) em 2000. Doze anos depois, por conta de sua irreverência, passou a apresentar o Plantão Alagoas, permanecendo como titular até o dia 22 de fevereiro de 2018.

Na TV Ponta Verde, no mês de dezembro de 2016, o apresentador ficou conhecido nas redes sociais após jogar uma praga contra os usuários de maconha, afirmando que eles não passariam o natal em família porque todos iam morrer. No início de 2017, no dia 5 de janeiro, ele sofreu um infarto e teve que ser afastado. Ao retornar às atividades, um mês depois, ele surpreendeu o público saindo de dentro de um caixão e provocando ainda mais os usuários de drogas: “Achou que eu tinha morrido, né maconheiro?”. As “pragas” começaram a fazer parte com mais intensidade da rotina do programa Plantão Alagoas, e o apresentador foi se tornando fenômeno na internet por seus jargões e “profecias” voltadas para os “maconheiros”.

Em fevereiro de 2018 o jornalista recebeu uma proposta da TV Arapuan, afiliada da Rede TV! em João Pessoa, para comandar o programa do meio-dia, Cidade em Ação. No dia 12 de março o programa estreou; foram 305 apresentações no total, com a exibição de matérias, *flashes* ao vivo com a participação de repórteres e apresentação de *merchandising*.

Taxado por muitos como homofóbico, misógino e racista, por conta de suas diversas falas na televisão, o discurso de Sikêra Jr. despertou a atenção do Ministério Público da Paraíba e do Ministério Público Federal em 2018, após a polêmica declaração contra as mulheres que não têm hábito de pintar unhas. Organizações de mulheres (Articulação de Mulheres Brasileiras e Mulheres em Luta) da Paraíba se sentiram ofendidas após o seguinte comentário do apresentador: “mulher que não pinta as unhas dos pés e não se depila, é sebosa” (CIDADE EM AÇÃO, 5 de jun. de 2018).

Depois desse pensamento exposto no ar, a jornalista Kalyne Lima rebateu o comentário do apresentador no *Facebook* e no *Instagram*, discordando do discurso de Sikêra Jr. A publicação da jornalista foi bastante compartilhada e ganhou uma repercussão gigantesca na época. Sikêra Jr., insatisfeito, respondeu Kalyne Lima ao vivo durante o programa *Cidade em Ação*:

Ligou uma feminista, normalmente mal amada, o marido deixou porque não aguentou ela, não é? Vira cantora de *rap*. Não tenho problema porque você ficou obesa, inventou de ser cantora, não tenho nada a ver com isso, é problema seu. Você é mal amada, ninguém te quer, então você fica revoltada com as brincadeiras que a gente faz aqui. Se você está achando que eu vou mudar, eu não vou mudar. Se você vir via Justiça para me processar, fique à vontade. Garanto que você vai perder porque é pequeno. Você vai perder tempo e dinheiro. (CIDADE EM AÇÃO, 2 de jun. de 2018).

A sede da TV Arapuan virou alvo de protesto no dia 8 de junho de 2018, quando

mulheres de vários movimentos feministas foram para a frente da TV protestar e pedir a saída do apresentador. O Ministério Público da Paraíba e o Ministério Federal puniram a TV: em reunião realizada entre os órgãos e o presidente do Sistema Arapuan, João Gregório, ficou acertado que o Sistema Arapuan teria que assinar um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). Como penitência, o veículo de comunicação ficou encarregado de veicular peça publicitária em defesa da tolerância e do respeito às diversidades dentro do programa de Sikêra Jr. e de outros programas da casa. Além disso, a TV foi obrigada a lançar uma nota pedindo desculpas às mulheres que se sentiram ofendidas.

Após o acordo, Sikêra Jr. processou a jornalista, alegando que, depois das publicações, sua família teria passado a receber ameaças nas redes sociais. O apresentador ganhou a causa e Kalyne Lima teve que publicar um vídeo em suas redes sociais pedindo desculpas, alegando que não teve intenção de colocar a vida do apresentador e da família em risco.

O que aconteceu com Kalyne Lima não foi um caso isolado, pois Sikêra Jr. se envolveu em outras confusões na Paraíba. A mais recente delas, por exemplo, aconteceu em julho de 2019, com o empresário Fabiano Gomes. O *blog Fonte83* publicou uma reportagem na qual trazia as inúmeras dívidas de aluguel, condomínio e boletos de água e energia atrasados que o apresentador tinha deixado antes de se mudar para Manaus. Sikêra Jr. rebateu a matéria publicada no *blog* do empresário, dizendo que não se misturava com bandido, pedófilo, traficante e moleque.

Em termos de audiência, durante o período em que esteve à frente do programa policiaisco na Paraíba, Sikêra Jr., por duas vezes seguidas (em 2018 e 2019), alcançou o terceiro lugar na audiência, conforme avaliação do IBOPE. No dia 14 de junho de 2019 apresentou pela última vez o programa *Cidade em Ação*, deixando a TV Arapuan, para assinar contrato com a TV A Crítica, de Manaus (AM), na qual começou a apresentar o programa policial *Alerta Amazonas*, estreado no dia 23 de julho de 2019.

O formato dos programas de Sikêra Jr. parece se repetir de estado para estado, com poucas mudanças, a exemplo da troca de nomes dos programas e cenários. Assim como acontecia no programa *Cidade em Ação*, no programa *Alerta Amazonas* o apresentador tem *personagens* no programa (Toalha Podre, Michelle Obama, Samurai) que ridicularizam os usuários de maconha e pessoas que foram mortas por tráfico de drogas.

No dia 28 de janeiro de 2020, Sikêra Jr. estreou com o programa *Alerta*

Nacional — um programa policiaisco muito mais carregado de tragédias e miséria humana, mas sempre com um toque de humor — na TV A Crítica, sendo transmitido de Manaus para todo o Brasil pela Rede TV!. No primeiro dia de programa, o apresentador chegou ao topo dos assuntos mais comentados da rede com a *hashtag* #AlertaAmazonas.

Após ganhar destaque em rede nacional, políticos de direita, a exemplo do presidente da República Jair Bolsonaro, passaram a acompanhar e compartilhar nas redes sociais trechos do programa do apresentador, que ressalta a valorização da família tradicional (composta por um homem e uma mulher). Essa admiração é uma via de mão dupla, pois Sikêra Jr. sempre elogia e compartilha os *posts* da rede social *Instagram* do presidente Bolsonaro e dos seus filhos.

Assim como aconteceu em João Pessoa, em Manaus não foi diferente. Novamente, Sikêra Jr. virou alvo do Ministério Público do Amazonas, após fazer declarações homofóbicas durante um comentário no programa, afirmando que não acha normal uma pessoa ser homossexual. Porém, desta vez o processo foi arquivado porque o promotor que estava à frente do caso entendeu que se tratava de uma opinião pessoal, própria.

Por conta de seus bordões e vídeos engraçados, o apresentador é bastante popular nas redes sociais. Seus vídeos têm mais de 200 mil visualizações e ele conta com mais de 1 milhão de seguidores no *Instagram*. Contudo, recentemente, no dia 1º de março de 2020, Sikêra Jr. teve sua página do *Facebook* banida após comentários ofensivos a pessoas estigmatizadas (presos e homossexuais) — por não seguir as políticas da rede social a página foi excluída.

3.3 PERCURSO TEÓRICO: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DA ANÁLISE DE DISCURSO

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de *corre por*, de movimento. O discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem — com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2015, p. 13). A esse respeito, Vignaux (1979 *apud* ORLANDI, 2015, p. 71) considera que o discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade. No

entanto, funciona de modo a assegurar a permanência de certa representação.

Gregolin (1995) descreve que a Análise do Discurso torna possível uma análise mais complexa do texto, dividindo essa análise entre interna e externa e corroborando a visão de Brandão (2009), quando este coloca que, entre outros, o aspecto histórico-social deve ser levado em conta para que se possa entender o sentido de um discurso. Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (“o que este texto diz?”; “como ele diz?”) e uma análise externa (“por que este texto diz o que ele diz?”). ORLANDI (2005, p. 21) explica:

Não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque.

Ao analisarmos o discurso, estaremos, inevitavelmente, diante da questão de como ele se relaciona com a situação que o criou. A análise vai procurar relacionar o campo da língua (suscetível de ser estudada pela Linguística) e o campo da sociedade (apreendida pela história e pela ideologia). A AD precisa realizar uma análise que alie o interno (discursivização) e o externo (relação enunciado/enunciação) (GREGOLIN, 1995, p. 17-18). Orlandi (2015) ainda destaca outro importante aspecto que a Análise do Discurso visa: a teorização da interpretação.

A Análise do Discurso tem como objetivo estudar o discurso, vendo não somente cada palavra, mas também seu sentido e ideologia; ou seja, cada discurso possui uma simbologia, um caminho percorrido e uma intenção que são essenciais para entender o que existe por trás do texto, seu significante e significado. A partir disso compreendemos melhor qual a função do discurso estudado, fazendo uma abordagem histórica, semântica e ideológica. Assim sendo, “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar.” (FOUCAULT, 1999, p. 10).

Na verdade, o discurso é o que liga os anseios do comunicador, do apresentador e do público-alvo. É essencial na busca da compreensão entre os fatores da fala e do entendimento. O discurso pode ser considerado muito mais do que o falar; corresponde aos recursos de persuasão, às marcas de uma linguagem, juntamente com os

significados existentes nelas, a partir da análise das estruturas das construções ideológicas. A AD, no meio linguístico, tem como função identificar a argumentação, os sujeitos envolvidos, a subjetividade e a construção da realidade.

No livro *A ordem do discurso*, Foucault (1999, p. 8) faz uma indagação: “Mas o que há de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde afinal está o perigo?”. Durante o decorrer da obra, o filósofo questiona a relação do discurso com o poder; ou seja, no meio social existe uma interdição e exclusão de certos segmentos, pois são controlados socialmente. Infelizmente, os estigmatizados vão sendo “excluídos” do discurso social e econômico. Aponta Michel Foucault (1999, p.49):

[o] discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante.

Em suma, o sentido atribuído pelo receptor em relação ao discurso vai depender da sua interpretação. Sendo assim, não há um sentido único, pois cada compreensão ou gestos de interpretação de sequências discursivas do texto apontarão formações discursivas e ideológicas. É o que a Análise do Discurso tenta buscar em sua teoria. Segundo Eni Orlandi (2015, p. 24),

[a] Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma chave de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender.

Como já foi descrito neste trabalho, o jornalismo exerce uma forte influência sobre as pessoas, interferindo e interagindo com a capacidade dos telespectadores de absorver o que está sendo exposto. Com a produção discursiva e de representações, a mídia tem se tornado cada vez mais objeto de interesse da Análise do Discurso (GREGOLIN, 2008), A articulação entre os estudos da mídia e dispositivos teóricos e analíticos da Análise do Discurso enriquece dois campos que são absolutamente complementares, pois ambos têm como objeto as produções sociais de sentido (GREGOLIN, 2008, p. 13).

Nesta pesquisa, adotamos a compreensão de Orlandi (2005), que trata a Análise

do Discurso como o entendimento não da língua, mas enquanto função simbólica, parte do trabalho social composto pelo homem e sua história. Para a AD, a linguagem não é transparente; sendo assim, busca-se atravessar o texto visando encontrar um sentido do outro lado. Tomando tal princípio como premissa, assumir o confronto com o texto (escrito, falado ou imagem) nos leva a entendê-lo enquanto objeto linguístico-histórico, buscando verificar como se realiza a discursividade que o constitui. Portanto, para pensar a relação entre discurso e contexto histórico é necessário levar em consideração o conceito de interdiscurso, associado aos seus próprios efeitos e ao trabalho da memória.

Pêcheux (1997, p. 157) Entende o interdiscurso como exterioridade constitutiva do discurso e explica seu duplo funcionamento: os efeitos de pré-construído e sustentação. Segundo o autor, o interdiscurso é aquilo que se fala antes em outro lugar. É a exterioridade do discurso, ligada a uma memória discursiva. Nesse contexto, os efeitos de sentidos fazem circular narrativas sobre o presente, permeadas por signos historicamente constituídos. Qualquer discurso traz em si algo acessível pela memória discursiva. Os sentidos que foram organizados historicamente são escalados ou requisitados em novas formulações, possuindo efeitos sobre o discurso em construção. É o sujeito que faz o recorte do interdiscurso, para construir o que parece um discurso de sua autoria.

A partir do princípio da interdiscursividade, podemos considerar o discurso como espaço de confronto e sobreposição de vozes, no qual o novo e o velho se cruzam, mostrando os sentidos, lugar em que observamos a relação entre língua e ideologia, compreendendo como a língua produz sentidos para os sujeitos.

A interdiscursividade proporciona a criação da formação discursiva, aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 1997, p. 157). As formações discursivas são espaços diferentes que recortam o interdiscurso e que retratam posições ideológicas, levando em consideração as posições de sujeitos e os seus lugares sociais como são representados, ao passo que o interdiscurso fragmenta em várias regiões ou formações discursivas que vão ao encontro, distintamente, de diferentes locutores (ORLANDI, 1996). A formação discursiva é a remissão que o analista pode fazer do texto, a uma formação ideológica. Na identificação das formações discursivas é perceptível ver a relação das marcas formais que aparecem no discurso com o ideológico.

4 ANÁLISE DA PESQUISA

Apresentamos neste capítulo as análises dos discursos selecionados, identificando marcas discursivas estigmatizantes enunciadas pelo apresentador Sikêra Jr. durante o programa *Cidade em Ação*, da TV Arapuan, na cidade de João Pessoa (PB), ao veicular e comentar notícias, ao vivo, sobre pessoas presas ou apenas detidas para averiguação. Analisamos práticas discursivas cujos efeitos de sentidos apontam a presentificação do estigma e quem permeiam a narrativa do apresentador.

4.1 ESTIGMATIZADOS E MONSTROS NO PROGRAMA CIDADE EM AÇÃO

Conforme anunciamos em capítulos anteriores, a linguagem adotada pelos programas policiais é eivada de sensacionalismo, cenas impactantes, destacando e expondo as pessoas detidas aos moldes da publicidade, desconsiderando os direitos constitucionais dos indivíduos. De acordo com Angrimani (1995), usualmente, os valores-notícia no jornalismo policialesco são os assaltos, os roubos, o tráfico de drogas, o estupro e os assassinatos.

Na seleção do material para análise desta pesquisa, pudemos apreender efeitos de sentido que apontam a presentificação de estigmas sociais em narrativas do apresentador Sikêra Jr. Ao longo da passagem do jornalista pela TV Arapuan encontramos, repetidamente, nas reportagens exibidas temas recorrentes como: questões de gênero, causa indígena, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, tráfico de drogas e variantes relacionados à violência, pobreza e exclusão social. Em geral, na exibição desses temas, o apresentador se utiliza de itens lexicais que se configuram como gírias e palavrões, e a opção por uma abordagem sensacionalista, envolvendo indivíduos em situação de vulnerabilidade.

As reportagens, acompanhadas de comentários do apresentador do programa *Cidade em Ação*, apontam para uma variedade de assuntos. Escolhemos “Bandidos se passam por clientes e assaltam barbearia no Valentina”, retratando um assalto a um estabelecimento comercial; e as reportagens “Jovem de 18 anos é preso com espingarda e maconha em Bayeux”, “Festa termina com duas pessoas feridas e travesti é presa”, “Jovem de 19 anos é preso com drogas nos Bancários”, “Polícia estoura boca de fumo e prende dois homens em Bayeux”, mostrando pessoas envolvidas com tráfico de drogas.

A partir das reportagens selecionadas buscamos construir enlaces efetivos entre teoria e prática, compreendendo o *estigma* como um dos efeitos de sentido a partir das questões abordadas nos textos referenciais e o cruzamento analítico das práticas produzidas e veiculadas na mídia televisiva. Verificando, portanto, se o programa *Cidade em Ação* da TV Arapuan, em suas variadas manifestações de temas, opera como um espaço de reforço do estigma, no gênero de variedades voltado para uma audiência popular.

Atualmente, a mídia é uma das maiores produtoras de referências para os sujeitos sociais. Considerando os argumentos desenvolvidos e as cinco reportagens com os respectivos comentários do *corpus* de análise, desenvolvemos os tópicos a seguir. Ressaltamos, aliás, que, para efeitos de análise, destacamos em cada matéria jornalística um tema específico, que se revelou mais latente, a saber:

Quadro 1 – Principais temáticas do *corpus* da pesquisa

#	TEMA	TÍTULO DA REPORTAGEM
01	Os insultos	Jovem de 18 anos é preso com espingarda e maconha em Bayeux
02	As pragas	Polícia estoura boca de fumo e prende dois homens em Bayeux
03	Os anormais	Festa termina com duas pessoas feridas e travesti é presa
04	O coro	Jovem de 19 anos é preso com drogas nos Bancários
05	Injúria racial e homofobia	Bandidos se passam por clientes e assaltam barbearia no Valentina

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração própria.

Faz-se necessário destacar que tal categorização possui apenas um efeito metodológico, pois, ao longo de nossa pesquisa, seja na busca do material ou até mesmo durante as análises, pudemos perceber que tais temáticas produzem sentidos na maioria das reportagens. Em apenas uma das reportagens, podemos encontrar todos os elementos conjuntamente: insultos, pragas, os normais, o coro e injúrias raciais e homofóbicas.

Esclarecemos que os sujeitos retratados não se encontram identificados em nenhuma das reportagens, pois, ao que parece, não há a preocupação de creditar os presos ou as pessoas detidas para averiguação no programa; apenas se identifica os policiais militares, delegados e outras autoridades. Os editores compreendem que não há uma necessidade de mencionar e creditar as personagens nas reportagens policiais. Nem sempre as pessoas aparecem — elas preferem ficar de costas para a câmera. O sistema de

identificação é usado para identificar policiais militares, delegados e outras autoridades.

4.3.1 Os insultos

Repórter: O que o senhor tem a dizer a respeito dessa prisão?

Preso: Nada a declarar!

Repórter: Alguém pediu pra você guardar esse material?

Preso: Sei não!

Repórter: Você disse pra polícia?

Preso: Eu?... Eu não disse nada à polícia! Não quero falar! (ANEXO A).

O diálogo acima citado foi exibido no formato de entrevista, no dia 25 de outubro de 2018, no programa *Cidade em Ação*. Antes de chamar a reportagem, Sikêra Jr. faz uma apresentação (tecnicamente chamada de “cabeça de matéria”), em que narra a história — a partir de enunciados com sentidos que refletem o tom de deboche, de *brincadeira* — de um jovem de 18 anos preso, portando espingarda, maconha e uma balança de precisão, na cidade de Bayeux. As imagens mostram o jovem de cor negra, sentado em uma cadeira, vestido com uma camisa azul, cabelo em desalinho e de cabeça baixa. Além do preso, o cinegrafista dá uma panorâmica pela sala e fecha as imagens repetidas vezes nos produtos apreendidos pela Polícia Militar (espingarda, maconha e uma balança de precisão).

A matéria foi feita por Marcos Antônio, mais conhecido como “Repórter Água”. Ele começa narrando que o homem foi preso com uma espingarda e drogas. Após as informações, entra a “sonora”, a fala do policial militar, sargento França, explicando como realizou a prisão do detido/suspeito.

Em seguida, o repórter Marcos Antônio conversa com o preso. O rapaz nega todas as acusações e diz que “prefere não falar” (ANEXO A). O repórter entrevista o delegado responsável pelo caso, Carlos Othon. O delegado reafirma os possíveis delitos e “parabeniza a polícia por estar desenvolvendo um bom papel, tirando de circulação “‘meliantes’ como este indivíduo aí”. (ANEXO A).

Final da reportagem. A ação retorna ao estúdio/padrão, momento em que o apresentador, Sikêra Jr., demonstrando surpresa e indignação, pede para a equipe técnica (que “corta” e põe o programa no ar) colocar a imagem do preso na tela dividida. O rapaz, sentado em uma cadeira, tenta esquivar-se da câmera e decide ficar

de cabeça baixa. Sikêra Jr. inicia o seu comentário por meio de uma narrativa verbal acelerada, voz alta, sempre se movimentando pelo cenário e apontando o telão. O apresentador “enquadra” o rapaz, ainda suspeito, em uma série de categorias, começando pela aparência do “meliante”.

Esse homem é assustador, é o verdadeiro Bozo paraibano. Com esse cabelo que ele tem, podemos afirmar que não é uma pessoa de bem. Uma mulher que se apaixona por um homem desse é sem juízo. Olha a cara dele. Maconheiro safado, “dador” de caneco, chupão de cana-de-açúcar! Pelo corte de cabelo é um advogado? É um engenheiro? É um cirurgião-dentista? É um maconheiro safado e ainda tem mulher que se apaixona por uma peste dessa. (SIKÊRA JR., 2018 - APÊNDICE A).

O apresentador Sikêra Jr. insiste e destaca nos enunciados de sua narrativa que “as mulheres não devem namorar um homem como isto aí que está na tela”. Ele encerra o comentário chamando seu elenco (três homens que participam do programa para ironizar os presos) para dançar uma música de Chico César, em forma de paródia de *Mama África*, porque o detido, para o apresentador, lembra a pessoa física do cantor paraibano: “**Mãe da mata | A minha mãe é maconheira | E não para de fazer besteira | Todo dia | Além de só roubar | Vive de raparigagem**”(ANEXO A).

Figura 3 – Imagem de Sikêra Jr. comentando a matéria do jovem preso



Fonte: captura de tela feita pelo pesquisador

O sistema de divisão de tela apresentador/preso é usado para orientar o telespectador, como se o apresentador estivesse falando lado a lado com a pessoa que está sendo alvo dos comentários. Na imagem, podemos observar a feição séria, de reprovação, de Sikêra Jr.

Importante destacar que o estigma social se baseia em definir sinais corporais que evidenciam algo de extraordinário, depreciativo, sobre o *status* da moral de quem é alvo dos ataques, segundo Erving Goffman (1998, p. 11). Diante de uma pessoa que, no olhar do outro, tenha um comportamento “estranho”, na presença de indivíduos que conseguem viver socialmente organizados. A manifestação do estigma faz com o indivíduo seja tratado como um sujeito diferenciado dos demais, rotulando-a como uma pessoa diferente, perigosa, ruim, ou fraca, sendo, dessa forma, excluído e menos desejável. Essas características são aplicadas para pessoas, estigmatizando-as, considerando-as com defeito (GOFFMAN, 1998, p. 12).

O autor menciona três tipos de estigmas diferentes: primeiro, as várias deformidades físicas; segundo, que surge como fundamental para a realização deste trabalho, o estigma que aborda as culpas de caráter individual, a vontade fraca, a desonestidade, sendo essas características aplicadas à prisão, vício, alcoolismo, homossexualidade, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical e o terceiro relacionado com a pertença a uma raça, nação ou religião. (GOFFMAN, 1998, p. 7)

Nesse sentido, o estigma é uma marca que diferencia, isola o indivíduo que não se encaixa em um determinado grupo. Uma marca visível, um sinal que desperta nos outros um sentimento de rejeição e repulsa.

Na prática, nitidamente identificamos essa repulsa em todas as matérias/reportagens analisadas. Assimilamos nas diversas análises que, independentemente dos crimes cometidos pelos presos, eles são caracterizados e marcados pela discriminação, desprezo, desconsideração e repugnância — apesar de estarem detidos apenas como suspeitos, já recebem o rótulo de criminosos: “assustador”, “não é uma pessoa de bem”, “safado, *dador* de caneco, chupão de cana-de-açúcar, peste, maconheiro” (ANEXO A).

A espetacularização e o tom cômico são os elementos-chave presentes nos enunciados do apresentador. Sua forma de banalizar a violência, e torná-la em espetáculo televisivo, demonstra assumir uma relação de superioridade em relação ao detido, ao mesmo tempo que lhe atribui culpa. Podemos perceber que o referido

apresentador atua como promotor e juiz de uma só vez, condenando o “suspeito”, ao vivo, no tribunal da TV, sem direito a qualquer defesa.

Entre as sequências discursivas utilizadas para imputar culpa aos apenados estão “Olha a cara dele... Maconheiro safado, não é uma pessoa de bem” (ANEXO A). Nesse contexto, diante dessa estruturação de narrativa, notamos que existe um funcionamento discursivo com efeitos de sentido que conferem aos indivíduos da reportagem policial predicados negativos, como descrédito, que conduzem à rejeição por parte da sociedade.

Os efeitos de sentido acerca da rejeição ou da desqualificação atribuídas aos apenados podem ser apreendidos no item lexical “**safado**”, utilizado em diferentes momentos pelo apresentador durante seus comentários. O item lexical “**safado**” produz sentidos que denotam insulto. Nesse contexto, Charles Flynn (1977 p. 3) define o insulto como “um ato, observação ou gesto que expressa uma opinião bastante negativa de uma pessoa ou grupo”. Essa definição vai mais além de uma opinião negativa, pois o insulto implica a quebra de uma norma social. E neste grupo de pessoas, no estudo da formação de grupos socialmente execrados, Elias e Scotson (1994) lembram que existe um “modelo” no modo como os grupos dominantes estigmatizam os dominados. Sendo assim, a menção da palavra *safado*, do modo que lhe foi atribuído, é de características definidoras da anomia (a desorganização social e familiar) e da delinquência (o não cumprimento das leis).

“**Maconheiro safado**” e “**cabra de peia**”, que compõem o enunciado do apresentador, produzem sentidos que revelam a sua utilização como ferramentas de humilhação. Nos enunciados do apresentador há efeitos de sentido que parecem mostrar o distanciamento ou a posição de superioridade do sujeito insultador em relação ao sujeito insultado, dando um atributo de pobreza, de anomia social¹⁶, características de uma pessoa de mau-caráter e inconfiável. Durante os comentários das matérias, Sikêra Jr. se utiliza de mecanismos discursivos que traduzem sentidos que sugerem uma ideia de depreciação, permitindo a construção de uma narrativa centrada na espetacularização agressiva e debochada. No contexto analisado, também temos a expressão “**assustador, não é uma pessoa de bem**” (SIKÊRA JR., 2018 - ANEXO A). O uso desses vocábulos mostra efeitos de sentido de aspecto negativo em torno da imagem das personagens que

16A anomia social é referida de três maneiras, através de termos ou qualidades ligadas à delinquência: “ladrão”, “folgado”, “safado”, “sem-vergonha”, “aproveitador”, “pilantra”, “maconheiro” e “traficante”; segundo, através de termos que se referem à moral sexual: “vagabunda”, “bastardo”, “filho da puta”, “prostituta”, “gigolô”, “sapatão”, “homossexual” e “maria-homem”; terceiro, por estigmatização religiosa, através de termos como “macumba” e “macumbeira”.

estão no telão, evidenciando, com clareza, práticas discriminatórias.

Destacamos, ainda, na enunciação do apresentador, a expressão “**dador de caneco**”. O emprego desse termo de tom homofóbico constrói sentidos de que os homossexuais são pessoas repulsivas. A forma discursiva, os comentários e a interpretação farsesca do apresentador Sikêra Jr., ao apresentar a personagem da matéria/reportagem, constroem efeitos de sentidos de diferente, de estranho, de anormalidade do sujeito, caracterizando a pessoa homossexual enquanto uma condição negativa.

Ainda nessa linha de raciocínio, entre as sequências discursivas utilizadas por Sikêra Jr. encontramos o dispositivo teórico da análise de discurso indicando a relação do dizer e do não dizer. Na menção da expressão anunciada pelo apresentador “**chupão de cana-de-açúcar**” (ANEXO A) percebemos a estruturação de narrativa indicando implicitamente que o detido realiza práticas sexuais homoafetivas, considerando que a analogia do formato da cana-de-açúcar (comprida, grande e grossa) com o do pênis, deixa subentendido o ato sexual da personagem com seus companheiros — comportamento íntimo reprovado pelo apresentador do programa, embora a vida íntima dele não oferecesse relevância para a notícia veiculada. Nessa passagem dos comentários do apresentador, podemos observar que o dito traz consigo o pressuposto do não dito, mas que se encontra presente no discurso.

As palavras (os termos impostos) tornam os sujeitos diferentes e à margem do “normal”, englobando-os em uma categoria menos desejável, enquanto pessoas más e perigosas. Essas características reforçam o estigma e seu efeito de descrédito, como afirma Goffman (1998, p. 5-9). Ainda refletindo sobre tais atributos, torna-se importante destacar que os estigmas operam como fatores de inclusão e de exclusão, de igualdade e de desigualdade entre os grupos sociais. Ao ser excluído, esse preso é incluído em um lugar definido por meio de marcas que lhe são aplicadas, inserindo-o no conjunto de minorias visíveis.

As análises demonstram também que, de acordo com o discurso construído pela produção do programa (as reportagens e as intervenções do apresentador Sikêra Jr.), parece impossível que aqueles indivíduos destacados como presos/bandidos, na condição de personagens de cada reportagem/fato/matéria apresentada, possam viver em sociedade e cumprir as normas impostas pela lei. De fato, geralmente são apresentados como párias, casos perdidos, indiferentes, pessoas isoladas, a exemplo de “**Esse homem é assustador, é o verdadeiro Bozo paraibano. Com esse cabelo que ele tem, podemos**

afirmar que não é uma pessoa de bem”! (ANEXO A).

Em determinada intervenção, após a reportagem, Sikêra Jr. afirma:

Uma mulher que se apaixona por um homem desse é sem juízo. Olha a cara dele. Maconheiro safado, “dador” de caneco, chupão de cana-de-açúcar! Pelo corte de cabelo é um advogado? É um engenheiro? É um cirurgião dentista? É um **maconheiro safado** e ainda tem mulher que se apaixona por uma peste dessa. (SIKÊRA JR., 2018 - (ANEXO A).

Com base na citação acima, Goffman (1975, p.57) explica que “uma pessoa com ordem de prisão pode contaminar legalmente qualquer um que seja visto em sua companhia, expondo-o à prisão como suspeito”.

Portanto, compreendemos que uma pessoa que não tem comportamento desviante das regras impostas pela sociedade, ao manter contato, aproximação, com indivíduos de comportamento desviante, pode ser julgada como delinquente, justamente porque, em certas ocasiões, o fato de uma pessoa estar acompanhada por um sujeito desviante pode ser utilizado como fonte de informação sobre a sua identidade social, fazendo parecer que eles fazem parte de um mesmo grupo.

O caso extremo, talvez, seja a situação em círculos de criminosos: uma pessoa com ordem de prisão pode contaminar legalmente qualquer um que seja visto em sua companhia, expondo-o à prisão como suspeito. (Diz-se, então, de uma pessoa que está com ordem de prisão que "ela está com varíola" e que sua doença criminosa "pega"). De qualquer forma, uma análise da manipulação que as pessoas fazem sobre as informações transmitidas sobre si próprias terá de considerar a maneira através da qual elas enfrentam as contingências de serem vistas na companhia de outros em particular. (GOFFMAN, 1980, p. 57).

A propensão ao crime acaba afetando a todos que estão ligados ao detento, a exemplo de pais, cônjuges e filhos. Desse modo, o estigma que Sikêra Jr. impõe aos privados de liberdade se estende para além dos presos, passando para as pessoas mais próximas, como já mencionamos (“**Uma mulher que se apaixona por um homem desse é sem juízo. É um maconheiro safado e ainda tem mulher que se apaixona por uma peste dessa**”).

Com isso, podemos afirmar que o olhar estigmatizante que é direcionado à família do presidiário é uma extensão do estigma que o cerca (SCHILLING; MIYASHIRO, 2008, p. 248).

4.3.2 As pragas

Repórter: Tu quer falar com a gente amigo? Essa droga é tua?
Preso 1: Não, não sei! Acharam lá, eu me assustei e corri!
Repórter: O senhor tava lá na hora também amigo?
Preso 2 : Tenho nada a haver não, fui só comprar uma coisa (maconha).
Repórter: Comprar um baseado?
Preso 2: Fui só comprar mesmo.
Repórter: Esse material não é de vocês?
Preso 1: Não, eu já falei, só sou viciado! (ANEXO B)

A matéria/reportagem da qual o diálogo acima foi extraído foi exibida no programa *Cidade em Ação* no dia 19 de setembro de 2018. No decorrer de sua exibição, o apresentador chama a matéria em um plano fechado, em que se destaca bem o rosto de Sikêra Jr. Com um tom irônico e de desprezo, ele conta o motivo da prisão dos dois jovens.

Figura 4 – Imagens dos presos sentados no chão da delegacia concedendo entrevista



Fonte: captura de tela feita pelo pesquisador

Na imagem, dois homens estão sentados lado a lado. O de camisa azul (branco) a todo o momento encara a câmera, tentando passar confiança nas suas palavras, enquanto o outro (negro), tatuado, sem camisa e escondendo o rosto, evita falar com o repórter Marcos Antônio.

Os detidos foram presos com armas, drogas e dinheiro em um local classificado

pelo repórter como “**boca de fumo**” (ANEXO B), na cidade de Bayeux. De acordo com informações da reportagem, um deles chegou a atirar contra a polícia.

Na matéria, observamos que o repórter conduz toda a narrativa em pé, em plano aberto, mostrando uma mesa ao fundo com drogas embaladas de um canto a outro. Ao lado do repórter Marcos Antônio aparecem dois jovens no chão, com as mãos algemadas. O preso 1, de cor branca, durante toda a sequência encara a câmera tentando passar veracidade em seu depoimento. Ao lado dele, o preso 2, de cor negra e com a camisa no rosto, busca, o tempo todo, esconder-se. No momento da apresentação da reportagem, os nomes dos dois jovens não foram creditados e nem mencionados. São personagens centrais do fato, da narrativa, mas oficialmente “não existem”.

Com os detidos, a polícia encontrou maconha, cocaína e *crack*. Na imagem da matéria também é possível ver dinheiro, uma balança de precisão e uma arma de fogo. Os presos estavam dentro de uma cabana, no mangue, quando foram cercados pela polícia. Tesouras e facas também foram encontradas no local. Além dos rapazes, o repórter entrevistou o sargento França, da Polícia Militar, que, devidamente identificado, detalhou a operação.

A reportagem vai sendo construída no estilo de confrontação de depoimentos. Depois do policial, o repórter falou com os acusados, que negaram que estivessem com as drogas, confirmando apenas que eram usuários e não tinham passagens pela polícia. Terminada a reportagem, a ação retorna ao estúdio com o apresentador Sikêra Jr. Ele está de braços cruzados, em plano aberto, criando o clima para encenar o seu discurso:

Eu desejo para você que fuma essa merda que a polícia pegue você indo comprar, pra te prender e sua cara ficar aqui, no telão. Olha esses dois maconheiros. Pra você ficar assim, com essa cara de chupão de umbu azedo, dando satisfação e ninguém acredita. Dois cabras de peia que não querem trabalhar. Preferem passar o dia fumando maconha e dando o caneco durante a noite. Tudo fedorento, catíngoso, ninguém quer conversa com vocês, porque o cara que fuma maconha não gosta de mulher, eles trocam anel lindo. Daí em diante, você vai ser fichado e vai ficar manchado para sempre. (SIKÊRA JR., 2018 - ANEXO B).

Segundo Omote (2004, p. 293), o estigma é visto como mácula social que mostra a identidade social deteriorada de uma pessoa que deve ser evitada em um contato de proximidade e em locais com muitas pessoas. Assim como Goffman (1998), o autor acredita que uma pessoa estigmatizada — não por uma marca física, mas por desvio de valor moral/legal em sociedade — resulta em exclusão social, uma vez que uma pessoa que oferece descrédito, inferioridade moral, acaba sendo evitada e excluída

de grupos que cumprem as regras sociais, a exemplo da citação “**dando satisfação e ninguém acredita; ninguém quer conversa com vocês**” (ANEXO B).

Nas expressões “**dois maconheiros, dois cabras de peia, tudo fedorento, catingoso**” (ANEXO B) destacou-se no texto o que se identifica como *formações discursivas*, como aspectos de uma intersubjetividade, no momento em que essas locuções aparecem no discurso do apresentador como enunciados pejorativos que desqualificam os detidos, mas que, em contrapartida, dialogam com a massa que se sente representada, naquele momento, pelo discurso do apresentador.

Nessa sequência, os presos 1 e 2 foram apresentados e constituídos no discurso do apresentador Sikêra Jr. com preconceito, desqualificação e negação (“**Olha esses dois maconheiros; dois cabras de peia que não querem trabalhar**”). Esses indivíduos desviantes, que não seguem as regras impostas pela sociedade, são incapazes de ter oportunidades porque lhes falta moralidade; representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade, como afirma Goffman (1998, p. 119-123).

Howard S. Becker (2008, p. 22) ressalta, a propósito, que se uma pessoa não anda de acordo com as regras de um espaço ou lugar é considerada como desviante por infringir as normas. “O grau em que um ato será tratado como desviante depende também de quem o comete e de quem se sente prejudicado por ele. Regras tendem a ser aplicadas mais a algumas pessoas do que a outras”. (BECKER, 2008, p. 25).

O estigma, na percepção de Goffman (1998), é visto como um fator essencial, uma vez que serve para reafirmar os padrões de normalidade e garantir domínio social. Isso assegura ao homem uma vida equilibrada em coletividade dentro de um padrão de regras. O autor defende que quem não se encaixa dentro de tais normas precisa ser separado, controlado, para que haja um controle social; na prática, ele cita o exemplo dos detentos — eles carregam estigmas porque fogem do padrão de uma vida em sociedade, do que as pessoas esperam em uma vida em coletividade; automaticamente eles são excluídos, uma vez que carregam o estigma da miséria e da segregação.

A frase enunciada pelo apresentador do programa *Cidade em Ação* explicita a construção dos estigmas pela mídia (e, em especial, no *corpus* analisado): “**Daí em diante você vai ser fichado e vai ficar manchado para sempre.**” (ANEXO B). O trecho destacado apresenta uma formação discursiva que indicia preconceito, no qual o conteúdo ideológico é afetado por efeitos de sentido — uma vez fichado, nunca mais se terá oportunidade. Mas, na verdade, existem programas de ressocialização na atualidade, a exemplo do projeto *Começar de Novo*, do Ministério da Justiça,

em conjunto com a Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania (SJC), através do Departamento de Administração Prisional (Deap), que tem convênios de trabalho com mais de 200 empresas que oferecem aos privados de liberdade a oportunidade de um espaço no mercado de trabalho.

Uma vez preso, o indivíduo carregará esse estigma para o resto da vida. Uma vez caracterizado como criminoso, dificilmente ele vai conseguir se inserir novamente no mundo dos “normais”, ou dificilmente vai conseguir um emprego. Tomando esta afirmação defendida por Goffman (1980), encontramos o seguinte trecho no discurso de Sikêra que reforça esse pensamento: “[...] **dando satisfação e ninguém acredita; daí em diante você vai ser fichado e vai ficar manchado para sempre**”.

A forma como a palavra “**sempre**” é empregada, denota efeitos de sentidos de uma visão negativa sobre o preso, pelo fato duvidoso de que ele jamais irá se recuperar. O programa *Cidade em Ação* (na maneira como os presos são mostrados e tratados por repórteres e pelo apresentador) contribuiu decisiva e massivamente para fomentar esse estigma de descrédito que recai sobre o indivíduo — ainda cidadão (com direitos e deveres), mas já “carimbado” como bandido, marginal, em um programa de grande audiência na TV. Todo este processo de exposição dificulta a reintegração do preso, prejudicando sua vida social, além de deixar o detido na situação de um pré-condenado a enfrentar um júri maculado/influenciado, na maioria das vezes, pela mídia, principalmente pela TV e pelas redes sociais. Estes sujeitos ficam marcados, rotulados, etiquetados antes mesmo da instauração do inquérito ou do processo criminal.

No transcorrer das análises, também observamos que o programa *Cidade em Ação* tem os seus próprios critérios de julgamento. A pauta que dá audiência é a lei que decide o que irá para o ar. O telejornal nem sempre está pronto para ouvir o outro lado da moeda (preso). Entretanto, cabe salientar que a aplicação da pena é um processo que cabe somente ao Poder Judiciário, como forma de tranquilizar a sociedade, tirando de circulação pessoas desviantes das normas sociais, de modo a prevenir novos erros.

A pena do recolhimento, que afasta o delinquente da sociedade, traz o objetivo de curá-lo e depois reinseri-lo no grupo dos “normais”. Por isso, o termo “**para sempre**” se encaixou no discurso de Sikêra Jr. com o poder de sentenciar o preso; como se ele fosse cravado com essa culpa até o dia da sua morte, sem nenhuma chance de se recuperar e, por exemplo, arrumar um emprego, reconstituir família etc., devido ao erro do passado. Em suma, é válido ressaltar que o sistema prisional, na percepção de Foucault (1997), tem por objetivo não só aplicar o castigo, a punição, mas pretende

assumir um papel “curativo” para ressocializar o preso, fazendo com que este não venha a reincidir.

Outro elemento que chama a atenção na fala do apresentador nessa reportagem em questão é aquele relacionado as **pragas** lançadas contra os presos. No fragmento “**eu desejo**”, observamos as palavras constitutivas da expressão, carregadas de má intenção, sarcasmo e até mesmo deslizes de ódio contra os detidos e contra todas as pessoas que fumam maconha — inclusive os telespectadores para quem Sikêra Jr. faz questão de se dirigir. Nesse sentido, o apresentador menciona as pragas com desejo de má sorte, desgraças, desprezo e vingança, desejando que todas as pessoas que têm o vício de fumar maconha venham a ser denunciadas e/ou detidas para (igualmente àqueles “**marginais maconheiros**”) poderem ser transformadas em notícia e terem seus rostos e suas vidas estampados e julgados ali, no “tribunal do povo”. Vidas expostas no telão de LED de forma espetacular e massiva.

Eu desejo para você que fuma essa merda, que a policia pegue você indo comprar, pra te prender e sua cara ficar aqui, no telão. Olha esses dois maconheiros. Pra você ficar assim, com essa cara de chupão de umbu azedo, dando satisfação e ninguém acredita, dois cabras de peia que não querem trabalhar. (SIKÊRA JR., 2018 - ANEXO B).

A percepção concreta é a de que Sikêra Jr., pessoalmente incorporando o peso e a audiência altíssima do programa, lança uma **maldição** desejando a “justiça” punitiva de presos e viciados, pessoas indignas de conviverem em uma sociedade “normal”. O programa atinge os seus objetivos de audiência como “negócio”, desprezando as questões fundamentais que orientam o jornalismo ético, consequente e responsável do ponto de vista social e da cidadania. Em alguns momentos, teatralmente, Sikêra Jr. lança palavras assustadoras, apocalípticas, a respeito do fim da sociedade, da moral, dos bons costumes e dos valores da família.

4.3.3 - Os anormais

Repórter: Teu nome?

Mulher trans: Samantha (nome social)

Repórter: Por que você agrediu o policial?

Mulher trans: Porque ele veio bater em mim!

Repórter: E essas drogas?

Mulher trans: Não tinha nenhuma droga. É mentira dele (policial), só tinha “loló”.

Repórter: Você já responde algum processo por homicídio?

Mulher trans: Já! Mas eu não devo nada não.

Repórter: Houve uma briga lá?

Mulher trans: Briga, não! Ele (policial) que veio me bater, mostra meu rosto aqui, não corta essa imagem não. (ANEXO C)

Essa entrevista transcrita acima aconteceu no dia 12 de novembro de 2018 e foi veiculada no programa *Cidade em Ação*. Antes de chamar a matéria, Sikêra Jr. narra o acontecimento em um tom irônico, dançando, embalado por uma música de *balada*. Teatral, feição de deboche e escárnio, imitando trejeitos afeminados, ele comenta que a matéria mostrará uma mulher trans — a qual, de maneira pejorativa, o apresentador se refere (erroneamente) como travesti. Após minutos de uma “cabeça de matéria” dramatizada, o apresentador comenta o fato: uma festa terminou com duas pessoas feridas e uma mulher trans presa.

Figura 5 – Comentário do apresentador sobre mulher trans



Fonte: captura de tela feita pelo pesquisador

Para fatos aparentemente mais sérios, complicados, de “peso”, o programa *Cidade em Ação* lança mão de dois mecanismos técnicos para apresentar as matérias/reportagens nas chamadas feitas por Sikêra Jr.: comentário dele com foto no telão atrás dele ou a clássica divisão de tela.

O repórter da matéria desta vez foi Washington Luiz. O erro persiste e o repórter também chama a todo o momento a mulher trans de travesti. Não há a mínima preocupação em esclarecer e informar ao telespectador as diferenças entre as categorizações orientadas nas questões de gênero e sexualidade — pelo contrário: o programa estimula a desorientação e a confusão dos termos. O termo *trans* surge da classificação *transexualismo*, ou seja, transtorno de identidade sexual definido pela

Organização Mundial de Saúde. [o] ¹⁷O transexualismo é “um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto. Esse desejo se acompanha em geral de um sentimento de mal-estar ou de inadaptação por referência a seu desejo de submeter-se a uma intervenção cirúrgica ou a um tratamento hormonal a fim de tornar seu corpo tão conforme quanto possível ao sexo desejado”.

Em um plano aberto, o repórter conta que na comunidade Paratibe, no bairro Valentina, em João Pessoa, acontecia uma festa que terminou em confusão e com várias pessoas presas.

Após denúncias anônimas, houve uma abordagem da Polícia Militar (PM) no local. Os participantes do evento não gostaram da ação da PM e reagiram. Houve confusão e violência; um tenente da PM acabou ferido na cabeça por uma garrafada. A reportagem narra os fatos e mostra uma mulher trans (já na Central de Polícia), em uma das salas, com as mãos para trás, algemadas, e colocada no chão. A detida apresentava aspecto cansado e cabelo desajeitado. O repórter entrevista uma tenente¹⁸ que fala como coordenadora das ações da PM naquele episódio. A policial feminina confirmou a narrativa do repórter e informou que, no momento da batida, acontecia uma festa de facção. Durante a fala da PM, imagens da detida, e também das drogas apreendidas, eram mostradas. O cinegrafista utilizou a técnica de planos fechados e de *closes* nas drogas, nas tatuagens da mulher trans e nos maços de dinheiro amontoados sobre a mesa.

Depois da tenente da PM, o repórter ouviu a mulher trans. Ela confirmou que quebrou a garrafa na cabeça do policial no local da festa, mas em legítima defesa, pois, segundo ela, ele a agrediu no rosto primeiro. Samantha (como foi identificada nos créditos da reportagem), reconheceu que não era a primeira vez que estava sendo presa, pois já havia respondido pelo crime de homicídio; e concluiu olhando diretamente para a câmera: “Vejam o murro que o policial me deu!”.

Na volta da matéria, o apresentador Sikêra Jr. fala de forma irônica e fingindo ingenuidade: “**Que murro, hein? Eu não acredito que um soco poderia fazer aquilo no rosto dela**”, (ANEXO C). Aparentemente, não havia nenhum machucado, nenhuma marca de agressão visível. Sikêra insinuou que a detida estava mentindo, inventando a agressão, pois o rosto estava limpo, sem escoriações. Sem mesmo uma perícia, sem

¹⁷Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM – disponível em: <https://www.ibdfam.org.br/conheca-o-ibdfam> acesso em: 24 set 2020.

¹⁸ Durante a exibição da reportagem não foi citado o nome da policial.

estar próximo da acusada, o apresentador decidiu inocentar o policial da PM de uma possível agressão. E foi mais além:

Não é porque é travesti que tem que ter privilégios. Não devo inocentar. Quem fuma maconha deve ficar preso mesmo. Tráfico é crime! Nada contra a comunidade LGBT; apenas não acredito na conversa da suspeita. Os safados que estão com ela só estavam aproveitando da situação. (SIKÊRA JR., 2018 - ANEXO C).

Nos enunciados das narrativas do apresentador Sikêra Jr., encontramos o dito e o não dito, mostrando a relação entre o dizer e o não dizer, identificados nos comentários das notícias. Antes de chamar a matéria/reportagem, o apresentador destaca em seu discurso que não tem nada contra a comunidade LGBT, mas antes da exibição, identificamos o não dito na feição de deboche, no tom irônico e nas *dancinhas* realizadas no estúdio. Esse recorte feito da análise condiz com o preconceito embutido, deixando o pressuposto e o subentendido.

Com base no aporte teórico de Goffman (1980), encontramos dois tipos de estigmas nesse material: o da homossexualidade e o da criminalidade. Analisemos, desse modo, o discurso do apresentador no seguinte trecho: **“Não é porque é travesti que tem que ter privilégios. Não devo inocentar. Quem fuma maconha deve ficar preso mesmo. Tráfico é crime!”** (SIKÊRA JR., 2018 - ANEXO C).

O apresentador Sikêra Jr. mostra-se mais cauteloso e distanciado da espetacularização dos fatos quando envolve questões de gênero. Ele justifica que a presa é uma pessoa “normal” (embora ele a trate como uma pessoa “anormal”). Procura centrar o seu discurso na legalidade; ou seja, independentemente das suas escolhas e gostos, a lei tem que ser cumprida; as autoridades não devem isentá-la da culpa e a pena deve ser aplicada, uma vez que houve o descumprimento de regras.

A personagem da matéria, denominada e repetidas vezes chamada de travesti, recebe do apresentador comentários de desprezo e distanciamento. Sikêra Jr. realiza o que defende (GOFFMAN, 1980, p. 8), ou seja, uma pessoa estigmatizada não é “humana” e sobre esta construímos toda uma teoria para explicar sua “inferioridade” e dar conta do “perigo” que ela oferece à sociedade.

Partindo desse pressuposto, em que pessoas estigmatizadas oferecem algum tipo de risco à sociedade, levantamos o seguinte questionamento: é possível conviver com pessoas estigmatizadas no mundo dos “normais”?

Goffman (1980, p. 22-23) compreende que esse contato misto pode causar

desconforto no indivíduo estigmatizado, pois ele pode se sentir inseguro sobre como vai ser recebido e taxado pelos “normais”. Essa insegurança fica clara quando os estigmas não são necessariamente marcas corporais, considerando que também pode haver “marcas” desenvolvidas socialmente. Como explica Omote (2004, p. 295),

[a] marca social que representa hoje o estigma não é visível, mas a manipulação que se faz do estigma e o tratamento especializado dispensado ao estigmatizado podem aumentar a visibilidade da condição especial desse indivíduo.

O encontro misto é marcado pela potencialidade de ação com medo, pena, hostilidade ou humilhação. Durante a interação face a face dos indivíduos, os estigmatizados precisam lidar com as tensões e manipulação de comportamento. O estigmatizado sente esses atributos a todo o instante, tornando-se ansioso e inseguro porque não pode prever a atitude do outro em relação ao seu “defeito”, podendo, dessa forma, passar a agir de forma retraída ou agressiva.

Outro ponto a destacar é a presença da ironia no discurso de Sikêra Jr., tratando episódios trágicos em tons teatrais e irônicos. A esse respeito, Muecke (1982) chama a atenção para a diferenciação entre a ironia presente em fatos ocorridos e a ironia verbal. Essa última categoria, a ironia verbal, é a que se encaixa nessa análise. Quando o apresentador comenta: **“Que murro hein? Não acredito que um soco poderia fazer aquilo no rosto dela”** (ANEXO C), ele está provocando a dúvida no telespectador; ou seja, através do recurso do discurso irônico, Sikêra Jr. fala uma coisa objetivando claramente querer dizer outra. Negar e desqualificar o depoimento da acusada de ter sofrido primeiro a agressão e depois revidado. Na frase, o estratagema de expressar a ironia verbal é usado para defender a PM, a instituição, a lei oficial. A ironia funciona como se Sikêra Jr. afirmasse: “Todo mundo está vendo aí na tela, na reportagem, que é mentira... Se ela tivesse recebido um murro na cara daquele policial fortão, estaria quebrada!” (ANEXO C).

Observamos que a ironia verbal que parte de Sikêra Jr. tem como suas vítimas mais frequentes os privados de liberdade. Zombaria e encenações teatrais de péssima qualidade (pois ele nem ator é) nas quais modifica a ordem cronológica dos acontecimentos, não prima pela verdade dos fatos, pratica o *achismo* a todo momento, modifica o modo de agir dos personagens de forma inesperada e valoriza as diferentes formas de violência, tanto física quanto simbólica.

Outra análise da reportagem (e do apresentador em seus comentários), pelo viés das aberrações, monstruosidades e bizarrices, revela uma exposição da mulher trans como uma personagem anormal. Desde o anúncio da reportagem, o apresentador zomba de todos que estavam participando do evento em questão, com a intenção de apontá-lo como uma festa de pervertidos, homossexuais, pessoas sujas, impuras e ligadas à prostituição. Neste sentido, Sikêra Jr. repete dezenas de vezes essas colocações, misturando os termos *mulher trans* e *travesti*, produzindo sentidos de que aquela pessoa viola as leis humanas e as leis da natureza.

Sikêra Jr., em um determinado momento da sua narrativa, deixa claro que ser diferente é uma escolha da presa que ali está o tempo todo algemada ao longo da reportagem. Contudo, ele posa de falso moralista ao afirmar que “cada um faz o que quiser com seu corpo” (ANEXO C), mas que ter um desejo perverso voltado para a vocação do crime é outra coisa, é outra escolha; sendo assim, a mulher trans precisa ser detida e separada. De acordo com Foucault (1997), este é o típico comportamento de quem entende esta situação como uma categoria de monstruosidade, aberração. E devido a essa conduta, o autor apresenta o recolhimento da personagem como proposta de correção para que possa viver em sociedade.

O monstro configura-se como uma anormalidade, uma vez que essa figura carrega elementos de incompatibilidade com o que o Estado opera para garantir uma sociedade normalizadora, sem afronta à ordem natural e jurídica. O argumento a respeito da existência de estados de anormalidade é fundamentado na alegação da proteção da sociedade, da ordem jurídica, institucional e moral.

O indivíduo anormal, alterado, não educável, não disciplinável, resistente à penalidade, é o monstro para o qual vão sendo construído conceitos, teorias e variadas instituições e práticas. “É para o indivíduo perigoso, isto é, nem exatamente doente nem propriamente criminoso, que esse conjunto institucional está voltado [...]” (FOUCAULT, 1997, p. 43). Essa pessoa, por apresentar tais características, é recolhida do convívio social e posta dentro de prisões.

Talvez o apresentador Sikêra Jr. não conheça autores como os que lançam mão neste trabalho de pesquisa e reflexão. Mas, de fato, podemos perceber claramente nesta reportagem/matéria (tendo havido ou não a festa de facção e a agressão da mulher trans), elementos nítidos da imputação de categorias e valores monstruosos através da espetacularização dos fatos e da desvalorização humana, na medida em que há a construção, produção e veiculação de um programa (formatado para a mídia massiva

televisiva) centrado na manipulação do discurso. É a transformação de notícias de origem jornalística em entretenimento sensacionalista.

4.3.4 O coro

Preso: Maconha não é droga não, maconha é vida (risos).

Repórter: Não te prejudica?

Preso: Não! Se você usa com intenção de fazer o bem, não vai incomodar, agora se você usar pra o mal, vai fazer mal.

Repórter: E essa arma?

Preso: Pra minha defesa. Não tenho inimigos, mas a gente nunca sabe o dia de amanhã; vai que eu me encontro com o mal amanhã.

Repórter: Por que você entrou pra vida das drogas?

Preso: Entrei por que até hoje não me prejudica em nada. Repito: maconha é vida! Uso, mas não faço mal a ninguém. Essa arma mesmo é só pra minha defesa. Não tenho problema em mostrar meu rosto. Sou uma boa pessoa e consigo viver em uma sociedade normalmente. Sou trabalhador, sou bombeiro civil! (ANEXO D).

Essa terceira entrevista transcrita acima aconteceu no dia 1º de agosto de 2018. O apresentador do *Cidade em Ação* noticiou que um jovem (não identificado na matéria), de 19 anos, foi preso, com drogas, no bairro dos Bancários, em João Pessoa. Ao som de uma trilha de suspense e com mãos no bolso, Sikêra antecipa um trecho da fala do suspeito no qual ele diz que consumir drogas não é crime, é vida. O apresentador se mostra incomodado com a fala do detido, e, com o semblante sério, chama o preso de *safado* e pede para rodar a matéria.

Figura 6 – Sikêra Jr. ironizando jovem preso



Fonte: captura de tela feita pelo pesquisador

Na figura 6 observamos o apresentador com “cara de ironia”, de braços abertos, com a tela dividida com o preso, que está de costas para a câmera. Na imagem, além da divisão de tela, existem os caracteres (na “saia”), que reforçam o assunto que está sendo comentado pelo apresentador.

O repórter Marcos Antônio conduz a reportagem de dentro da Central de Polícia, no bairro do Geisel. O repórter explica que o jovem foi preso portando um revólver, pequena porção de maconha e dinheiro em espécie. O texto do repórter passa do informativo para o opinativo, especulando sobre o desenrolar dos fatos: “**Esse material encontrado com o suspeito caracteriza crime de tráfico de drogas e ele vai ficar preso para responder pelo delito.**” (ANEXO D). Antes de devolver a narrativa para Sikêra Jr., no estúdio, o repórter conta que o detido, quando menor de idade, já havia sido preso por roubo, o chamado artigo 157.

Na volta da reportagem, Sikêra Jr., com braços cruzados e cara feia, dá continuidade ao *teatro* de desconstrução da identidade cidadã do acusado e construção do discurso/base do programa:

Maconheiro safado! Cabra de peia! Lava sua boca para dizer que é bombeiro civil. Não queime a classe de trabalhadores. Eu quero saber quem vai oferecer emprego para você depois dessa reportagem, seu maconheiro safado! [...] Ninguém gosta de tu, só tua mãe, **cabra safado. Maconheiro safado**, você tava **vendendo** drogas, você acha que a polícia é besta? **Cabra safado!** (SIKÊRA JR., 2018 - ANEXO D)

O apresentador termina o comentário chamando a *igreja* (elenco de apoio) — um pequeno grupo com três pessoas que entra no cenário como reforço na ironia dos presos. O coro formado pelos membros da *igreja*, nos moldes das tragédias gregas, canta uma música provocativa, com conteúdo preconceituoso que denota “vícios” sexuais aos detidos: “**Éu, éu, éu / Todo maconheiro dá o anel**” (ANEXO D).

A respeito do trecho “**Sou uma boa pessoa e consigo viver em uma sociedade normalmente. Sou trabalhador, sou bombeiro civil**”, cabe ressaltar que Goffman (1980, p. 27) esclarece que o estigmatizado, principalmente quando se trata de um preso, se considera sempre uma pessoa “normal”. Defenderá sempre estar apto a conviver entre pessoas normais, mesmo com seu comportamento desviante. A fala do preso reforça o que este autor defende sobre o contato misto que causa desconforto.

Ainda nessa perspectiva, Goffman (1980, p. 27) chama de “informados” pessoas

marginalizadas que têm um defeito, mas que não precisam se envergonhar e se autocontrolar, uma vez que sempre se considerarão como pessoas “normais”. Um preso, por exemplo, que tem um estigma aceito por parte de familiares e amigos, fornece um modelo de “normalização”; ou seja, mesmo sabendo do seu defeito, as pessoas o tratam como uma pessoa “normal”. “Sou uma boa pessoa e consigo viver em uma sociedade normalmente”.

Dando sequência ao conflito misto, entre “normais” e estigmatizados, Goffman (1980, p. 20) fala do grupo de pessoas benévolas: aqueles que compartilham o mesmo estigma, pessoas sabedoras do seu estigma particular dentro do seu grupo. Essas pessoas se sentem à vontade em busca de apoio moral e uma boa aceitação entre eles, sempre na perspectiva de que podem conviver com os “normais” e podem ser considerados como pessoas normais. Na prática, exemplificamos o pensamento de Goffman neste recorte ao analisarmos o trecho da matéria/reportagem “Jovens são presos no manguezal”, no momento em que o preso 1 confessa o seu estigma reafirmando: “Só sou viciado!”(ANEXO D).

Já na reportagem “Jovem de 19 anos, no bairro dos Bancários”o detido não apenas assume o vício, como argumenta, com razoável desenvoltura, em defesa de suas atitudes: “Entre porque até hoje não me prejudica em nada. Repito. Maconha é vida! Uso, mas não faço mal a ninguém Sou uma boa pessoa e consigo viver em uma sociedade normalmente. Sou trabalhador, sou bombeiro civil.” (ANEXO D).

Cabe salientar, ainda, a menção da palavra “**safado**” por várias vezes, com efeitos de sentidos de qualificação negativa e pejorativa. Ao longo de todas as peças analisadas, tomando como referencial de contravenção a legalidade/caráter do personagem acusado ou preso, o termo “**safado**” é o insulto preferido de Sikêra Jr.. Uma espécie de bordão comunicativo, uma marca.

Figura 7– Imagem do elenco de Sikêra Jr.



Fonte: captura de tela feita pelo pesquisador

Na Figura 7, o elenco da *igreja/coro*, composto por três pessoas do corpo “artístico” fixo do programa e que funciona como apoio/reforço aos comentários preconceituosos de Sikêra Jr. em suas “crônicas de desgraça e escárnio”.

Durante a análise, foi possível constatar-se a existência de dois pontos que ganham destaque nesta matéria/reportagem: a movimentação do sujeito locutor (Sikêra Jr.), do ponto de vista assumido através do enunciado, e a ativação da memória discursiva. No momento em que o apresentador chama a *igreja/coro* e começa a cantar e a pedir para os meninos repetirem o enunciado usado por ele, estabeleceu-se um jogo de linguagem em torno da atualidade do acontecimento, do aqui/agora, do que se pode resgatar pela memória da história.

Essas vozes da memória que se incorporaram no acontecimento, reconhecidas historicamente, indicam os traços culturais do povo grego. Sendo assim, por um meio de interpretação, podemos entender sentidos pela interdiscursividade presente na narrativa por meio de saberes advindos do *século XIX*. Neste contexto, Orlandi (2003) chama a atenção para a posição do sujeito que produz os sentidos — onde ele é afetado pela língua e pela história, o que está sendo realizado no presente no dizer atual, através da memória discursiva, dizeres por outrem em tempos passados, fazendo assim o sujeito livre e submisso.

A utilização deste coro de apoio segue o modelo clássico dos coros do teatro grego (tragédias, comédias e épicos), desde a Antiguidade até os dias atuais. Centrais de

cada fato transformados em pauta e narrados como pequenas crônicas policiais pelo repórter. Tudo sempre bem roteirizado e sincronizado com as “cabeças”, intervenções de destaque no corpo das reportagens e com os comentários finais de Sikêra Jr. O objetivo é tornar público, como verdade inaceitável, os crimes denunciados e reforçar a ação da polícia detendo os delitos, prendendo os marginais e estigmatizando os presos/personagens.

No teatro da Grécia, o coro geralmente era composto por poucas pessoas (todas do sexo masculino), que cantavam e dançavam. Segundo Burkert (1993), “[...] o contraste em relação ao habitual pode exprimir-se no prazer e na alegria, nos adornos e na beleza, mas também na ameaça e na morte”.

Seguindo na análise da reportagem/matéria “Jovem de 19 anos, no bairro dos Bancários”, destacamos a atuação do coro e seus elementos básicos, na perspectiva de Burkert (1993). O autor destaca que os elementos que compõem a encenação, em geral, são compostos por personagem que dançam e cantam em um espaço. No programa de Sikêra Jr., o coro é formado por jovens que não são profissionais e nem escrevem as suas atuações, e que encenam “quadros”, “esquetes”, como personagens de apoio na construção das narrativas em torno das notícias transformadas em atrações de variedades. Na prática, o coro é o elemento de reforço “popular”, elo entre a proposta de programa de notícias e do programa policial massivo/popular. Os integrantes não têm qualquer formação em teatro, arte dramática, e representam as “claques”, o “povão das ruas”, segundo Sikêra Jr.; estão ali chamados pelo apresentador geralmente para uma piada, uma paródia musical, um “esquete”, que termina por ridicularizar e desmoralizar os “elementos” presos, suspeitos — a matéria-prima daquilo que a produção do programa considera como notícia em jornalismo policial.

Importante retornarmos um pouco ao entendimento da estrutura de funcionamento do coro clássico grego. O coro é um elemento surpresa, estranho para o público contemporâneo, uma vez que invade a cena central com pantomimas e cantorias, muitas vezes no meio de uma trama trágica, e acaba por reverter as expectativas ironizando e destacando o fato principal da narrativa da cena. O coro servia para mostrar ao público as flutuações de relações de poder e superioridade.

Destacamos aqui a presença do corifeu, um membro integrante do coro que ganha destaque ao cantar sozinho, cumprindo três funções bem definidas: a) exortar o coro à ação, a começar o canto; b) antecipar, ou resumir, as palavras do coro; c) representar o coro, dialogando com os atores. Nessa perspectiva, no programa *Cidade*

em Ação, da TV Arapuan, o corifeu dialoga com a personagem central, que é o apresentador.

Dessa forma, assim como no coro grego, o programa de televisão analisado mistura elementos internos da religião pagã (o lugar sagrado no coro grego e na TV), no qual os deuses eram celebrados, principalmente Dionísio, através de sacrifícios e da festa coletiva. De certa forma, ocorre todos os dias, com a veiculação pela TV aberta do programa de jornalismo policial apresentado por Sikêra Jr., com sua *mise-en-scène* em sintonia com as imagens e depoimentos dos personagens reais mostrados pelas reportagens.

4.3.5 Injúria racial e homofobia

Figura 8 – Print de tela de um assalto



Fonte: captura de tela feita pelo pesquisador

A Figura 8 mostra o momento de um assalto a uma barbearia. Na cena, capturada por câmeras de segurança, aparecem dois homens roubando o proprietário do estabelecimento. A reportagem foi exibida no dia 5 de setembro de 2018. O fato aconteceu em frente a uma barbearia de beira de calçada, no bairro Valentina de Figueiredo, em João Pessoa. O repórter da matéria foi David Martins.

A matéria jornalística, na verdade, é um *link* ao vivo do repórter em frente ao local do assalto. Não tem depoimentos nem qualquer entrevista. Apenas um “*teaser*” de resumo, com o repórter na frente da barbearia, descrevendo os acontecimentos: “O local

estava fechado quando três homens se passaram por clientes e assaltaram o barbeiro proprietário aqui da loja no bairro Valentina. Os suspeitos levaram o dinheiro do estabelecimento. Ninguém quis falar com a imprensa com medo de represálias dos bandidos”. (ANEXO E)

Enquanto a voz do repórter constrói a narrativa dos fatos em *off*, cenas editadas (técnica chamada de “cenas de cobertura”) dos elementos assaltando o barbeiro, que está desarmado e apavorado, são mostradas. O repórter narra os fatos de forma sincronizada com as imagens, gravadas anteriormente na hora do assalto. Mesmo sabendo ser uma matéria gravada, a impressão que o telespectador acaba experimentando é a de que tudo está acontecendo ao vivo, naquele momento. Na verdade, apenas o repórter está ao vivo transmitindo a informação do local do fato com o apoio da equipe de externa e do *link* como ferramenta técnica.

Na volta do *link*/ao vivo, o apresentador Sikêra Jr. comenta:

Olha só!... O coitado do barbeiro entrega a carteira. Os dois **vagabundos** são esses daí que estão aparecendo. Esse de bermuda é um **giletão** e esse **negro é um maconheiro desgraçado**. Olha o corte de cabelo dele. Olha a cara deles, vão morrer ou não vai? Vão morrer ou não vai?... Vamos mostrar a cara desses **vagabundos, chupão**. Olha esses ladrões **safados, vagabundos**. (SIKÊRA JR., 2018 - (ANEXO E).

Sikêra Jr., utiliza muitos recursos teatrais: gestual largo, sempre se movimentando na cena, indo e voltando em direção às câmeras; o domínio de falar olhando no fundo dos olhos da câmera e do telespectador, criando a tensão e a dramaticidade necessárias ao estilo do programa. Depois de repetir xingamentos na linguagem popular “das ruas”, como ele não cansa de afirmar em qualquer oportunidade, o apresentador encerra o comentário pedindo encarecidamente aos policiais da PM: “A polícia tem que agir... Por favor, nobres policiais: prendam eles e tirem esse lixo das ruas.” (ANEXO E).

Como reforço e apoio, ele manda a produção colocar o telefone do programa, em caracteres, no ar, para a população ligar e passar informações “em sigilo” sobre os assaltantes mostrados pelas imagens da matéria. É a técnica clássica do jornalismo policialesco, de Boletins de Ocorrência, sempre ao lado da polícia, de estimular a denúncia (mesmo que falsa) sobre possíveis culpados de algum delito. Sikêra Jr. finaliza a reportagem pedindo ao público com certa meiguice: “Se você é do bem... Se vocês aí que estão nos assistindo odeiam **bandidos** como eu... Ajuda a polícia a prender esses

cabras safados.”(ANEXO E).

Finalizando os estudos de caso desta pesquisa, abordamos a questão dos signos que trazem informação social: “[...] **é um giletão [...] e esse negro [...] Olha o corte de cabelo dele.**”(APÊNDICE E). Essas características mencionadas por Sikêra Jr., no exemplo acima, são tratadas por Goffman como signos que trazem informação social de uma pessoa estigmatizada.

Há símbolos de estigma que nos dão exemplos desse ponto: as marcas no pulso que revelam que um indivíduo tentou o suicídio; as marcas no braço do viciado em drogas; os punhos algemados dos prisioneiros em trânsito. (GOFFMAN, 1980, p. 41).

Na matéria/reportagem recortamos um enunciado que retrata efeito de sentido de aspecto negativo — a palavra *negro*. O vocábulo foi empregado de forma maldosa, com prática discriminatória e racista. Os efeitos de sentido da locução *negro* mostram implicações ideológicas de que a pessoa de cor de pele escura é diferente, estranho, sem valor. Nesse contexto, o sujeito se utilizou de uma formação discursiva proveniente de um discurso racista, afetado por efeitos de sentido que sugerem que um homem de cor negra seja inferior a uma pessoa de cor branca.

O emprego da palavra negro na fala do apresentador Sikêra Jr. tem efeito de sentido pejorativo. Mostra uma categoria de inferioridade na condição social do preso e ratificar efeitos de sentidos de que as subjetividades do negro se sustentam no tripé: mau caráter, inapto e malcheiroso. As percepções analisadas são de qualidades e propriedades negativas, desonestidade e delinquência, libertinagem moral, um estigma associado a uma pessoa de cor negra, que pode se sentir ofendida por uma referência à cor da pele. Esse estigma reiteradamente associado à cor negra que tais pessoas apresentam a transforma em símbolo sintético de estigma.

Entretanto, esse elemento é classificado também como injúria racial, por conta das agressões verbais direcionadas, que se utilizam de palavras referentes à cor, raça, etnia, religião.

Sendo assim, nesse trecho do discurso do apresentador, “esse negro”, o uso do demonstrativo esse realça efeitos de sentidos que expressam xingamento, como crime de injúria. Criminalmente e legalmente falando, quando se ofende uma pessoa em virtude de uma característica que esta pessoa possua trata-se de crime de injúria racial — previsto no parágrafo terceiro do artigo 140 do Código Penal, se configura como um

crime inafiançável e sua pena pode variar entre um e três anos de reclusão.

Os mecanismos discursivos *giletão e chupão* inscrevem a formação discursiva que remetem a atitudes homofóbicas. A homofobia aparece na história durante o início do Império Romano — quem fosse flagrado tendo relações homoafetivas teria que pagar uma multa (MOREIRA FILHO; MADRID, 2008, p. 5). Na Idade Média começou a aparecer mais fortemente devido à influência de fatores religiosos, tendo sido o prazer sexual (de um modo geral) visto como pecado, uma tentação do diabo (SILVA; BORNIA, 2009, p. 38).

Na contemporaneidade, os registros de homofobia foram encontrados em 1981, nos Estados Unidos e na França, após os primeiros casos registrados de Aids em indivíduos da comunidade gay. Durante esse período, nesses países, os homossexuais eram conhecidos como a *peste gay* ou o *câncer gay*. Por muito anos, com o discurso científico sobre a doença, a mídia foi conivente em associar a doença a homossexuais e às profissionais do sexo, contribuindo para a estigmatização de pessoas homossexuais. Isso gerou discriminação social e preconceitos contra a comunidade LGBT, levando à rejeição por parte de familiares, colegas de trabalho, amigos. Entre esses caminhos trilhados, apreendemos discursividades que apontam homofobia, sobretudo associada a interdiscursos relacionados ao início da Aids.

Homofobia é um tipo de preconceito destinado a uma pessoa que têm relações homoafetivas entre homens e/ou mulheres. No discurso do apresentador, notamos uma narrativa de intolerância, expondo os presos a uma manifestação de ódio, rejeição, repulsa e aversão, podendo, assim, ser considerada como um tipo de violência social somada também a formas de violência psicológica.

Essa colocação por parte de Sikêra Jr. coloca os presos na condição de bissexual e homossexual, embora a matéria não deixe clara a orientação sexual deles, mas induza o telespectador a formar um juízo de valor único, impondo aos presos uma condição de inferioridade e “anormalidade”, baseada no domínio da heterossexualidade como um padrão de pessoas “normais”.

A percepção encontrada é a de que a homofobia identificada na fala do apresentador não define o ódio, mas passa uma sensação de repugnância e chacota contra os homossexuais. Para Sikêra Jr. tecer comentários desta natureza é o “correto”, pois ele está defendendo os valores da família, da moral e dos bons costumes, mesmo causando constrangimento e humilhação para as vítimas. Cabe ressaltar que a homofobia (que pode ser enquadrada como racismo) é um crime, previsto no artigo 140

do Código Penal, que pode levar a uma pena que vai de um a três anos de detenção, mais multa.

O estudo de caso das cinco reportagens/matérias destacadas aqui contribui para reafirmar as premissas básicas da investigação realizada. Entendo que elas apontam também para outras questões possíveis de novos trabalhos e estudos. Destaco, a seguir, algumas daquelas que considero como importantes.

A editoria do programa *Cidade em Ação*, da TV Arapuan (dentro da ordem cronológica das matérias analisadas), especializou-se em articular suas notícias em torno dos estigmas sociais, voltada para o público específico das classes populares, tendo como objetivo central o índice da audiência (IBOPE) a ser alcançado, tipo “os fins justificam os meios”.

O programa caracteriza-se como um telejornal policiaisco vibrante que mostra, através da mídia televisiva, como a violência (em suas várias ramificações) está presente na sociedade. Utiliza reportagens/matérias sensacionalistas, naturalizando a ação policial.

Outra marca do programa é o uso de tons humorísticos e teatrais na apresentação do âncora, Sikêra Jr., fazendo uso do discurso opinativo (sempre em primeira pessoa) e de manchetes apelativas, a partir dos quais capta a atenção de seus telespectadores. A leitura que antecede as matérias (cabeças) é feita em tom forte, com modulação de voz, com ênfase em algumas palavras e, em algumas matérias, a expressão facial do apresentador é bem definida, variando da seriedade ao deboche.

As reportagens/matérias e as entradas ao vivo (*links*) recortam espaços de inclusão/exclusão ao tentar mostrar/demarkar o que é reconhecido como normal e desviante, reforçando e determinando seu discurso (FOUCAULT, 2002).

As narrativas engrenadas no discurso de Sikêra durante o jornal apontam configurações articuladas em torno do estigma sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As TVs abertas brasileiras têm se notabilizado por dedicar grande espaço a programas policiais, exibindo fatos criminais, judiciais, de segurança pública, do sistema penitenciário e em investigações policiais. Tais programas possuem um caráter marcadamente sensacionalista, com a intenção de prender a atenção do público e causar emoção, seguindo a fórmula de espetacularizar a violência, a briga, o estupro e a morte.

A cobertura policial compreende uma editoria do jornalismo em crescimento a partir da metade do século XIX nos Estados Unidos e na Inglaterra. No Brasil, os primeiros registros indicam um conflito entre policiais e civis na cidade do Rio de Janeiro, em 1917. Na televisão, que constitui o nosso foco investigativo, o programa *Aqui Agora*, veiculado na extinta TV Tupi (1979) e reeditado no SBT (1991-1997 | 2008), tornou-se o pioneiro do gênero na televisão brasileira. Contudo, a partir da entrada do século XXI observamos o predomínio do formato, especialmente com a popularização dos canais de TV por assinatura e, de certa forma, da segmentação da audiência. Caberiam às camadas mais populares da sociedade — aquelas que não poderiam pagar uma assinatura de TV, ou seja, as classes C (de 4 a 10 salários mínimos) e D (de 2 a 4 salários mínimos) — assistirem aos canais abertos de televisão e consumirem a produção dita “popular” dos meios de comunicação. Em muitos momentos, a compreensão equivocada do caráter popular é jocosa, grosseira, desumana, estigmatiza os sujeitos, transformando-os em monstros sociais, e que, portanto, deveriam ser combatidos e exterminados, deixados à margem da sociedade.

A etimologia da palavra estigma remete a sinais no corpo para sinalizar algo extraordinário, uma marca ou cicatriz deixada na pele por ferida, qualquer marca ou sinal natural no corpo, ou marca infamante feita com ferro em brasa, geralmente em escravos ou criminosos. Nesse sentido, o estigma social representa a desaprovação, reprovação ou rejeição dos sujeitos contrários às normas, comportamentos e valores — um carimbo social que valora os cidadãos de forma negativa.

Os estigmas sociais operam como elementos de inclusão e exclusão, estabelecendo, assim, um parâmetro de igualdades e desigualdades. Os estigmas sociais se estabelecem entre pessoas consideradas iguais ou diferentes em relação a um grupo, ou entre grupos distintos. Ao determinar o lugar no qual o indivíduo deve ficar, este é excluído de outros por meio de suas marcas. É comum a tematização dos estigmas na mídia, desde os casos de fácil identificação até aqueles mais complexos.

Nesta pesquisa, comprovamos que no estado da Paraíba as emissoras de TVs locais seguem a tendência nacional, no sentido de exibirem programas policiais que alcançam destaque. No ano de 2018, todas as emissoras abertas locais, exceto a TV Cabo Branco (afiliada da Rede Globo), contavam com tais programas: Correio Verdade (TV Correio – Rede Record); Fala Cidade (TV Manaíra – TV Bandeirantes); Tambaú da Gente (TV Tambaú – SBT); Cidade em Ação e Rota da Notícia (TV Arapuan – Rede TV!). Destacamos que a TV Arapuan conta com dois programas policiais na programação; contudo, os funcionários da emissora e o diretor-presidente, João Gregório, consideram o programa Cidade em Ação (um jornal que tem o segundo maior número de anunciantes) como o carro-chefe.

Há 12 anos o programa Cidade em Ação é exibido ao pessoense, na hora do almoço, das 12h às 13h40 e já contou com 11 diferentes apresentadores com várias formações. Esta pesquisa, ao analisar as formas discursivas do referido programa, apresentado por Sikêra Jr. (de 12/03/2018 a 14/07/2019), para representar presos ou pessoas detidas para averiguação no noticiário paraibano, apreendeu enunciados cujos sentidos apontam posicionamento de estigmatização das pessoas, tanto nas notícias quanto nos comentários enunciados pelo referido apresentador. Confirmamos o fato de que, assim como nos programas ao longo da história da editoria (primeiro no rádio e hoje na TV e nas redes sociais), no jornalismo policial/policialesco estudado, a violência e a banalização desta violência são os focos principais.

As notícias exibidas no programa Cidade em Ação retratam desastres, as mazelas da sociedade, a separação dos “bons” dos “ruins”, denunciam e julgam comportamentos “desviantes”, exagerando a dor da família e a raiva dos privados de liberdade. Analisando as marcas discursivas do estigma, a partir de uma ênfase histórica, social e política, através das marcas do jornalismo policial no programa Cidade em Ação nas cinco matérias selecionadas para a pesquisa, podemos perceber a presença de formas de estigmas sociais também nos comentários enunciados pelo apresentador José Siqueira Barros Júnior, conhecido como Sikêra Jr. — radialista, jornalista (sem formação acadêmica, com registro liberado pelo Supremo Tribunal Federal em 17 de junho de 2009) e ator com passagens por diversos veículos de comunicação do Nordeste.

Constatamos no corpus analisado para esta pesquisa que a linguagem adotada pelo programa Cidade em Ação é eivada de sensacionalismo, cenas impactantes, destacando e expondo as pessoas detidas aos moldes da publicidade, desconsiderando

os direitos constitucionais dos indivíduos. Nesse contexto, destaca-se o papel do apresentador Sikêra Jr. que recebeu consentimento do Sistema Arapuan para apresentar os personagens das notícias retratadas durante o programa da forma que desejasse — fato que transformou o estúdio de notícias da empresa em uma espécie de palco teatral, com dramatização na hora de noticiar os acontecimentos e a total liberdade de expressar qualquer comentário sobre as pessoas.

O apresentador do referido programa, Sikêra Jr., depreciando, estigmatizando e humilhando os presos ou pessoas detidas para averiguação, durante o programa Cidade em Ação, utiliza-se de mecanismos discursivos de caráter ofensivo, tais como: “maconheiro safado”, “dador de caneco”, “chupão de cana-de-açúcar”, “chupão de umbu azedo”, “tudo fedorento, catingoso”, “giletão”, “negro [...] maconheiro desgraçado”, “vagabundos”, enfim, a lista de xingamentos e agressões encontrada na análise é extensa. A esse respeito, inclusive, cabe ressaltar uma expressão em especial, na qual o próprio apresentador — ciente, ao que parece, das marcas estigmatizantes que podem advir da exposição televisa — comenta que o detido iria “ficar manchado para sempre”.

Nos textos jornalísticos selecionados para a presente pesquisa encontramos todo tipo de estigma. Contudo, para efeitos didáticos e de organização do nosso trabalho, atribuímos temas específicos para cada uma das matérias jornalísticas. No entanto, nas reportagens analisadas existem várias marcas estigmatizantes que se completam e interpenetram. É o caso, por exemplo, da sequência discursiva dos insultos proferidos pelo apresentador do programa, provocando o efeito de sentido de discriminação, desprezo, desconsideração e repugnância. Nessa narrativa, existe uma sucessão de insultos aos presos e detidos para averiguação que acaba por induzir à rejeição por parte dos membros da sociedade. Encontramos nesse tópico o item lexical “safado” utilizado por diversas vezes, além da utilização de frase, trazendo consigo o pressuposto do não dito, mas que se encontra presente no discurso.

Identificamos no tópico “As pragas” formações discursivas, pontos de intersubjetividades, no momento em que essas locuções aparecem no discurso do apresentador como enunciados pejorativos que desqualificam os detidos, tais como “maconheiro”, “cabra de peia”, “fedorento”, “catingoso” etc. — palavras preconceituosas, de desqualificação e negação dos sujeitos retratados. No entanto, para o apresentador do programa Cidade em Ação trata-se de pessoas desviantes, que não seguem as regras impostas pela sociedade e que, desse modo, apresentam falhas no

convívio em sociedade. Nas “pragas” lançadas contra os presos apontamos as palavras constitutivas do discurso, carregadas de má intenção, sarcasmo e até mesmo deslizes de ódio contra os detidos e contra todas as pessoas que fumam maconha.

Comprovamos efeitos de sentido do termo anormal veiculado em matéria jornalística comentada pelo apresentador Sikêra Jr. acerca da comunidade LGBTQ+, apontando pessoas que se sentem atraídas por outras do mesmo sexo como indivíduos sujos, impuros e ligados à prostituição. Tais enunciados são proferidos em tom de deboche, com ironia, deixando o pressuposto e o subentendido. Constatamos injúrias raciais e homofobia nas matérias e comentários que remetem a efeitos de sentido de aspecto negativo da palavra negro, considerando seu emprego lexical na narrativa utilizado de forma maldosa, com prática discriminatória e racista e, portanto, com implicações ideológicas de que a pessoa de cor negra é diferente. Neste caso, o emprego da palavra na fala do apresentador Sikêra Jr. tem efeito de sentido pejorativo, por se tratar de uma formação discursiva proveniente de um discurso racista.

Verificamos, ainda, que o apresentador do programa Cidade em Ação não age isoladamente — também dispõe de uma espécie de coro, o que é nomeado de “elenco de apoio”, que canta músicas de cunho pejorativo com conteúdos preconceituosos e provocativos. Durante a pesquisa, encontramos, nesse contexto, o retorno da palavra safado por diversas vezes como forma de qualificação negativa. Também merece destaque, neste ponto, a ativação da memória discursiva no momento em que o apresentador chama a “igreja” e começa a cantar, pedindo para serem repetidos os anunciados.

Além das palavras enunciadas pelo apresentador, o programa Cidade em Ação ainda dispõe de estratégias discursivas visuais para impingir mais impacto às notícias veiculadas e aos comentários. A este respeito, observa-se uma placa medindo em torno de 1m x 1,5m com a seguinte expressão impressa em letras garrafais: “CPF cancelado” — tal letreiro é utilizado para indicar que uma pessoa envolvida com o crime morreu. Também pudemos constatar o emprego de músicas para comemorar a prisão de alguma pessoa.

A utilização de estereótipos e insultos, provocando marcas estigmatizantes nas pessoas retratadas, e a atuação (como âncora) do apresentador Sikêra Jr. aparecem como elementos definidores e determinantes para chegarmos à conclusão sobre o tipo de programa oferecido ao público: jornalismo policial sensacionalista e apelativo que busca a audiência como fim — mesmo que, para tanto, o apresentador (através da formação

discursiva) exponha o preconceito, a homofobia, o racismo e a misoginia, conforme já exposto neste tópico conclusivo. As expressões enunciadas pelo referido apresentador formam uma bacia repleta de signos agressivos que produzem sentidos de humilhação e inferioridade, mecanismos discursivos que produzem narrativas depreciativas do ser humano.

Constatamos como estratégia das narrativas discursivas do apresentador Sikêra Jr. no programa *Cidade em Ação* a utilização da ironia, provocando a dúvida no telespectador, por tratar-se de um recurso em que “fala-se de algo”, mas objetivando claramente querer dizer outra coisa ou situação. Como dispositivo teórico encontrado, ainda, através do enunciado, está a ativação da memória discursiva, na qual busca-se (na história) um resgate de algo que já aconteceu — categoria intitulada como interdiscursividade na Análise do Discurso (AD).

Os resultados encontrados nesta pesquisa, acerca das formas discursivas estigmatizantes do programa *Cidade em Ação* para representar presos ou pessoas detidas para averiguação, certamente não se esgotam nesse trabalho e tampouco podem ser disseminados como absolutos e determinantes. Contudo, a presente dissertação pode fortalecer a área acadêmica e instigar pesquisadores interessados no campo do jornalismo policial a desenvolverem trabalhos que discutam o tema da segurança pública (com seus critérios de noticiabilidade), ou que abordem a linguagem de uma editoria que presta informações ao público de forma simples (clara e objetiva), através de linguagem coloquial, mas que se encontra carregada de sensacionalismo, parcialidade, com comentários que estigmatizam os sujeitos retratados e que (ousaria dizer) influenciam os telespectadores. Uma editoria que abandona os manuais de redação e ética jornalísticos. Um noticiário que, imaginando estar se reportando às camadas populares, fazendo jornalismo “popular”, descobriu (e se utiliza de) um modelo de negócio no qual o sensacionalismo das imagens sangrentas de crimes, assaltos, roubos e estupros é a matéria-prima pra trazer lucro para as empresas.

A pesquisa revelou que, dentre as funções diárias da editoria do programa *Cidade em Ação*, selecionar e priorizar os fatos mais quentes é a peça-chave para prender a atenção do telespectador. A partir disso, o apresentador fica responsável por divulgar esses acontecimentos, seguidos de comentários, com base em suas convicções, preconceitos, em sua própria sobrevivência humana. Respalado pelo resultado dos dados da pesquisa, a presente investigação mostrou, enfim, que as características sensacionalistas do programa *Cidade em Ação*, enquanto artifícios utilizados para

conquistar o telespectador, excedem os limites da ética e estigmatiza as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGRIMANISOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo. São Paulo: Summus, 1995. (Coleção Novas Buscas em Comunicação; v. 47).

ARENDDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise de discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988, atualizada até a Emenda Constitucional nº 39, de 19 de dezembro de 2002. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento de Informações Penitenciárias Atualização – Dezembro de 2016**. Consultor: Marcos Valério. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública: Departamento Penitenciário Nacional, 2018. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-dez-2016rev-12072019-0802.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias Atualização – Junho de 2017**. Consultor: Marcos Vinícius Moura Silva. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública: Departamento Penitenciário Nacional, 2019. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017rev-12072019-0721.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: <https://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/pab/1/unidades_casos_complexos/unidade_16/unidade16_ft_maus-tratos.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

BURKERT, W. **Religião grega na época clássica e arcaica**, Tomos I, v. 1-2. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

CARVALHO, Maria Alice R. de. Cidade escassa e violência urbana. **Violência e participação política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1995. (Serie Estudos; n. 91).

- CAMPELLO, A. A. **Novo Olhar sobre os Telejornais Policiais: Interação pelo formato.** Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem.** São Paulo: Summus, 1990.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura.** 2. ed. São Paulo: Summus, 1972. (Coleção Novas Buscas em Comunicação; v. 15).
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social.** Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Os Anormais.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **A ordem do discurso.** Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. **Vigiar e punir.** 31.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- G1. Monitor da Violência: metodologia. **G1**, [Rio de Janeiro], 26 fev. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/monitor-da-violenciametodologia.ghtml>>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- GREGOLIN, Maria do Rosario F. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa: Revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v.39, p.13-21, 1995.
- _____. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. Tradução de Carlos Piovezani. In SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Orgs.). **Análise do discurso: heranças, métodos e objetos.** São Carlos: Editora Claraluz, 2008, p. 11- 19.
- GUARESCHI, Pedrinho A. Mídia e democracia: o quarto versus o quinto poder. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 6-25, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/2505/1286>>. Acesso em: 2 jun. 2016.
- INFOPEN. Sobre o Levantamento Nacional. **DEPEN**, Brasília, [2019]. Disponível em: <<http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen>>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2019.** Brasília: IPEA, 2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia.** Florianópolis: Insular:Ed. da UFSC, 2002.

LIRA, M.B. Violência y Televisión o el discurso de la comunicación social. In: OROZCO, Guillermo (Org.). **Miradas Latino Americanas a la televisión**. México: Universidad Iberoamericana, 1996. p.48-67.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Procesos de comunicación y matrices de cultura: Itinerario para salir de la razón dualista**. México: FELAFACS: GG, 1987.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Trad. de Álvaro Pina. Boitempo, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUECKER, D. C. **Ironia e o irônico**. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.

OMOTE, Sadao. Estigma no tempo da inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 10, n. 3, p. 287-308, set./dez. 2004.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. São Paulo: Pontes, 2015.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P.; RODRIGUES, Suzy L. **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERIAGO, Francisco Redondo. **O perfil do repórter de telejornal policial no Brasil**. São Paulo: USP, 2004. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/infotec/teses-03-04/resumo_2972.html>. Acesso em: 26 abr. 2019.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. Jornalismo e realidade: da necessidade social de notícia. **Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 44-55, dez. 2009.

POTTER, W. James. **On media violence**. London: Sage, 1999.

RAMOS, Roberto. Roland Barthes: semiologia, mídia e fait divers. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 8, n. 14, abr. 2001. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3108/2383>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

REIS, Thiago et al. Superlotação aumenta e número de presos provisórios volta a crescer no Brasil. **Monitor da Violência**. **G1**, [Rio de Janeiro], 26 abr. 2019. Disponível

em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/04/26/superlotacao-aumenta-enumero-de-presos-provisorios-volta-a-crescer-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

RONDELLI, E. Imagens da violência: práticas discursivas. **Tempo Social**, São Paulo, v. 10, n.2, p. 145-157, out. 1998.

SAMPAIO, RenataAlves. **Da noção de violência urbana à compreensão da violência no processo de urbanização**: apontamentos para uma inversão analítica a partir da Geografia Urbana. São Paulo: USP, 2011. (Dissertação de Mestrado em Geografia Humana).

SAMPAIO, Renata. A Violência do processo de urbanização. In: CARLOS, Ana FaniAlessandri (Org.). **Crise Urbana**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 55-84.

SCHILLING, Flávia; MIYASHIRO, Sandra Regina Galdino. Como incluir? O debate sobre preconceito e o estigma na atualidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.2, p. 243-254, maio/ago. 2008.

SIKÊRA Júnior. In: **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, [2019]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sik%C3%A0ra_J%C3%BAnior>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SINÉSIO, Valéria; MOURA, Sandra. Casos policiais: para um jornalismo além do boletim de ocorrência. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 13., 2015, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: SBPJor; UFMS, 2015.

SOUZA, J. C. A. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Vol. I: Porque as notícias são como são. 3. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2005a.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Vol. II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005b.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

ANEXOS

ANEXO A - JOVEM DE 18 ANOS É PRESO COM ESPINGARDA E MACONHA EM BAYEUX

APRESENTADOR SIKÊRA JR: A policia militar apreendeu mais de dois quilos de maconha e uma espingarda calibre doze na noite de ontem, no bairro Mário Andreazza, em Bayeux. Gleidson dos Santos, dezoito aninhos, disse à polícia que alguém, alguém pediu para ele guardar (com jeito irônico ele fala e o coro da igreja responde) você pode guardar? Quem acreditou? Ninguém! Vamos ver.

REPÓRTER ÁGUIA: Os policiais militares que aqui estão da força tática, conseguiram fazer a prisão desse homem, que tem dezoito anos de idade e apreender uma espingarda de repetição calibre doze e quase três quilos de maconha. Isso aconteceu no Conjunto Mário Andreazza, mais conhecido como Mutirão.

SARGENTO FRANÇA: Já tínhamos informações que nessa residência, uma pessoa que estava morando nela, estava guardando um material, droga e arma. No dia de hoje, estivemos no local e todo esse material foi encontrado na casa do cidadão.

REPÓRTER ÁGUIA: É do seu conhecimento se ele já tem passagens pela polícia?

SARGENTO FRANÇA: Não! Não é do meu conhecimento!

REPÓRTER ÁGUIA: Ele reagiu?

SARGENTO FRANÇA: Não!

REPÓRTER ÁGUIA: Estava sozinho, Dentro da casa?

SARGENTO FRANÇA: Estava ele, a esposa e uma criança de colo, mas a gente deixou ela e criança na residência e trouxemos ele.

REPÓRTER ÁGUIA: Ele disse ao senhor porque estava usando essa arma de grosso calibre?

SARGENTO FRANÇA: É o que todos dizem que alguém mandou guardar. Que o pessoal estava pagando a ele para guardar todo esse material.

REPÓRTER ÁGUIA: Agora maconha com balança de precisão caracteriza o tráfico de drogas?

SARGENTO FRANÇA: Exato! Vai ser entregue agora na delegacia, ser apresentado para o delegado de plantão para tomar as providências cabíveis.

REPÓRTER ÁGUIA: Agora de águia pra ele porque quem está de plantão é o delegado Carlos Othon. Aí estão os policiais militares que fizeram essa prisão e apreensão.

(O repórter tenta entrevistar o preso detido para averiguação).

REPÓRTER ÁGUIA: O que o senhor tem a dizer a respeito dessa prisão?

DETIDO: Nada a declarar!

REPÓRTER ÁGUIA: Alguém pediu pra você guardar esse material?

DETIDO: Sei não!

REPÓRTER ÁGUIA: Você disse pra polícia?

DETIDO: Eu? Eu não disse nada a polícia! Não quero falar!

DELEGADO CARLOS OTHON: A gente vê que a Polícia Militar, fez uma apreensão tirando de circulação armas com grande poder de fogo e também uma quantidade aí considerada entorpecente. A polícia está aqui para trabalhar.

REPÓRTER ÁGUIA: Drogas, Balança de precisão e uma arma, dois flagrantes;

DELEGADO CARLOS OTHON: Na verdade, um flagrante para dois crimes. Um crime de posse ilegal de arma de fogo se tivesse encontrado de fato, na casa dele e também o crime de tráfico de entorpecentes.

(A cena volta para o estúdio de televisão do programa *Cidade em Ação*).

APRESENTADOR SIKÊRA JR: Minha gente! Eu vou mostrar para vocês o dono dessa maconha. Coloca a cara dele aqui no telão. Esse homem é assustador, é o verdadeiro Bozo paraibano. Com esse cabelo que ele tem, podemos afirmar que não é uma pessoa de bem? Uma mulher que se apaixona por um homem desse é sem juízo. Olha a cara dele. Maconheiro safado, “dador” de caneco, chupão de cana-de-açúcar! Pelo corte de cabelo é um advogado? É um engenheiro? É um cirurgião dentista? É um maconheiro safado e ainda tem mulher que se apaixona por uma peste dessa. Pior que tem mulher que se agarrar com uma peste dessa. Tem mulher que sai com uma bomba dessa. Eu vou pedir permissão ao grande poeta, grande escritor, grande músico, grande cantor Chico César Paraibano. Vou pedir permissão para fazer uma paródia com a sua música. Ao grande poeta, escritor, músico, compositor, cantor, enfim um talento completíssimo. Chico César que também no corta o cabelo há muito tempo. Acunha Coxinha (sonoplasta) “Mãe da mata| A minha mãe é maconheira |E não para de fazer besteira| Todo dia| Além de só roubar | Vive de raparigagem”.

ANEXO B – POLÍCIA ESTOURA BOCA DE FUMO E PRENDE DOIS HOMENS EM BAYEUX

APRESENTADOR SIKÊRA JR: Dois homens foram presos com maconha, cocaína, crack e também dinheiro, em uma boca de fumo, na comunidade São Lourenço, município de Bayeux. Os acusados chegaram a trocar tiros com a polícia. Eles negaram o crime! Disseram que correram porque se assustaram. Eles se assustaram? Águia direto.

REPÓRTER ÁGUIA: Policiais militares receberam uma informação de que um grupo de jovens estava embalando drogas, como maconha e crack, na beira do mangue aqui

em Bayeux. Logo em seguida, quando os policiais militares adentraram o mangue, se depararam com várias pessoas correndo. Houve o revide, disparos de arma fogo. Essas duas pessoas foram detidas e trazidas aqui para quinta delegacia distrital que fica no município de Bayeux. E aqui estão os policiais militares que fizeram a prisão, essa apreensão de maconha, cocaína, crack e dinheiro trocado que caracteriza o tráfico de drogas. Aqui está o sargento Costa, que vai trazer outras informações.

REPÓRTER ÁGUIA: Houve troca de tiros, duas pessoas fugiram?

SARGENTO COSTA: Positivo! A gente já tem conhecimento dessa boca de fumo, na Rua São Lourenço. Deixamos as motos em uma rua de cima e fomos por dentro do mangue. Pedimos apoio a uma guarnição. A outra guarnição foi pelo outro lado, mas não deu tempo! Quando chegamos dentro do mangue, se deparamos com seis elementos. Quatro deles armados com uma doze e duas pistolas. Houve troca de tiros! Quatro pularam dentro da maré, não conseguimos fazer a apreensão das armas. Apreendemos aí várias drogas. Aí, como você está vendo os dois elementos também, que estava com os quatro. A gente fez a prisão deles e conduzimos aqui para quinta delegacia para fazer os procedimentos.

REPÓRTER ÁGUIA: Que ponto eles estavam ali, na maré?

SARGENTO COSTA: Estavam na beira do mangue ao mesmo tempo cortando a droga já para a embalagem para distribuir.

REPÓRTER ÁGUIA: Olha só essas drogas aqui. Essa maconha se já encontrava embalada. Eles vendem aqui há cerca de dez reais cada! Tablete desse aqui de crack, a cocaína e o material que foi apreendido na hora da abordagem, tesoura, faca como vocês bem podem ver nas imagens.

(O repórter tenta entrevistar o preso detido para averiguação)

REPÓRTER ÁGUIA: Tu quer falar com a gente amigo, essa droga é tua?

DETIDO1: Não, não sei! Acharam lá, eu me assustei e corri!

REPÓRTER ÁGUIA: O senhor tava lá na hora também amigo?

DETIDO2: tenho nada a haver não, fui só comprar uma coisa?(maconha)

REPÓRTER ÁGUIA: Comprar um baseado?

DETIDO2: fui só comprar mesmo!

REPÓRTER ÁGUIA: Esse material não é de vocês?

DETIDO1: não eu já falei, só sou viciado!

(A cena volta para o estúdio de televisão do programa *Cidade em Ação*).

APRESENTADOR SIKÊRA JR: Obrigado a Águia! Eu desejo para você que fuma essa merda que a policia pegue você indo comprar, pra te prender e sua cara ficar aqui, no telão! Olha esses dois maconheiros. Pra você ficar assim, com essa cara de chupão de umbu azedo, dando satisfação e ninguém acredita dois cabras de peia que não querem trabalhar. Prefere passar o dia fumando maconha e dando o caneco durante a noite. Tudo fedorento, catिंगoso, ninguém quer conversa com vocês, porque o cara que fuma maconha não gosta de mulher, eles trocam anel lindo. Daí em diante você vai ser fichado e vai ficar manchado para sempre.

ANEXO C – FESTA TERMINA COM DUAS PESSOAS FERIDAS E TRAVESTI É PRESA

APRESENTADOR SIKÊRA JR: Era festa, a alegria, estava lotado! (som de balada) Só que patrocinou a festa foi uma facção criminosa. Isso aconteceu na noite de sábado, na comunidade de Paraty. A Polícia Militar recebeu várias denúncias, som alto, drogas, disparos de arma de fogo. A aniversariante não gostou! Samantha não ficou feliz! Samantha ficou aborrecida e quando o policial chegou na porta disse policia! Ela pegou uma garrafa e jogou na cabeça do PM. Ela foi presa imediatamente o policial levou seis pontos na cabeça.

REPÓRTER WASHINGTON LUIZ: A Polícia Militar foi informada de que em Paraty estava havendo uma festa de uma organização criminosa. Ao chegar no local, policiais da Força Regional se depararam com várias pessoas que, segundo as informações, estavam consumindo drogas. Ao serem abordados eles não gostaram e começou a discussão entre os policiais e quem estava participando da festa de uma travesti identificada como Samantha. Quando ela se aproximou do policial e ele pediu para que ela entregasse uma substância semelhante a loló. Foi quando ela desferiu uma garrafada na cabeça do policial, atingindo o mesmo. Ele foi encaminhado para o Hospital de Emergência e Trauma. Seis pontos na cabeça. Uma equipe sob a responsabilidade da tenente Nadja e de policiais, conseguiram trazer aqui para a Central de flagrante os principais acusados de terem agredido inclusive com palavras contra os policiais. Nós vamos conversar, com a tenente. Tenente, esse fato que aconteceu em Paraty e a Samantha estava aniversariando, terminou desferindo um golpe de uma garrafa na cabeça do policial Nunes?

TENENTE NADJA: Isso! Houve informação que estava tendo uma festa social da Samantha, que era promovida pela facção criminosa Al Qaeda, que teria tido efetuado disparos de arma de fogo no local e consumindo drogas. Ao averiguar, começamos as abordagens e durante uma abordagem, ela não gostou e começou a desferir palavras de calão contra a Polícia Militar e, no momento da abordagem, ela não gostou e jogou a garrafa na cabeça do policial.

REPÓRTER WASHINGTON LUIZ: No momento em que os policiais tentaram recolher as drogas, eles partiram para cima dos policiais querendo, inclusive briga?

TENENTE NADJA: Isso! Partiram para cima, jogaram pedras, realmente queriam confronto com a polícia.

REPÓRTER WASHINGTON LUIZ: Agora a informação de que Samantha já respondeu o homicídio?

TENENTE NADJA: Pelas informações, a maioria que estão ali, são os cabeças da boca de fundo de facções criminosas. Então, eram a uma confraternização dos criminosos.

REPÓRTER WASHINGTON LUIZ: Nesse caso, o policial qual será o procedimento adotado a partir de agora?

TENENTE NADJA: Ele foi socorrido, vai fazer exame de corpo delito e ela vai responder por lesão corporal. Neste caso específico, os acusados agora vão ficar à disposição da justiça.

REPÓRTER WASHINGTON LUIZ: Nós conversamos com a Samantha, vejam o depoimento dela!

REPÓRTER WASHINGTON LUIZ: Teu nome?

SAMANTHA: Samantha (nome social)

REPÓRTER WASHINGTON LUIZ: Por que você agrediu o policial?

SAMANTHA: Porque ele veio bater em mim!

REPÓRTER WASHINGTON LUIZ: E essas drogas?

SAMANTHA: Não tinha nenhuma droga! É mentira dele! (policial) só tinha “loló”.

REPÓRTER WASHINGTON LUIZ: Você já responde algum processo por homicídio?

SAMANTHA: Já! Mas eu não devo nada não!

REPÓRTER WASHINGTON LUIZ: Houve uma briga lá?

SAMANTHA: Briga, não! Ele (policial) que veio me bater, mostra meu rosto aqui, não corta essa imagem não.

(A cena volta para o estúdio de televisão do programa *Cidade em Ação*).

APRESENTADOR SIKÊRA JR: Eu não acredito que um murro fez tudo isso!(com jeito e tom irônico) Se isso for um murro Meu Deus! Nada contra a escolha que ela fez de se travestir. Eu sempre digo aqui, vai quem gosta. Quem procura é um direito de quem quer procurar é um direito dela. É o corpo dela ou dele. Ela faz o que quiser. O problema não era ela ser travesti não. O problema é que a festa estava incomodando a vizinhança, era som, era tiro. Esta casa era uma zona! Aí a polícia foi chamada por esse motivo. Chegando lá confirmou! Era droga na festa, muita droga da festa. Carnaval fora de época. A polícia chegou. Somos polícia (dramatização). Ela não aceitou! Quebrou garrafa na cara do policial. Na cabeça do policial. Seis pontos, seis pontos na cabeça. Não é porque é travesti que tem que ter privilégios. Não devo inocentar. Quem fuma maconha deve ficar preso mesmo. Tráfico é crime! Nada contra a comunidade LGBT; apenas não acredito na conversa da suspeita. Os safados que estão com ela só estavam aproveitando da situação.

ANEXO D – JOVEM DE 19 ANOS É PRESO COM DROGAS NOS BANCÁRIOS

APRESENTADOR SIKÊRA JR: Um jovem, ele foi preso com uma arma de fogo, maconha e também dinheiro na tarde de ontem, bairro dos bancários, aqui na Capital. Durante a entrevista para a nossa equipe, o acusado disse que maconha não é droga. Maconha é Vida. Mostra aí.

REPÓRTER ÁGUIA: Policiais militares conseguiram fazer a prisão de um homem com dezenove anos de idade, no bairro dos Bancários. Com ele, a polícia encontrou um revólver calibre trinta e oito e uma certa importância em maconha. Sem contar com o dinheiro trocado que caracteriza o tráfico de drogas. Ele disse que maconha não era droga porque não fazia mal nenhum pra ele. Agora ele vai ser apresentado ao delegado plantonista da central de flagrantes.

DETIDO: maconha não é droga não, maconha é vida (risos).

REPÓRTER ÁGUIA: não te prejudica?

DETIDO: não! Se você usa com intenção de fazer o bem, não vai incomodar, agora se você usar pra o mal vai fazer mal.

REPÓRTER ÁGUIA: e essa arma?

DETIDO: pra minha defesa, não tenho inimigos, mas a gente nunca sabe o dia de manhã, vai que eu me encontre com mal amanhã?

REPÓRTER ÁGUIA: por que você entrou pra vida das drogas?

DETIDO: entrei por que até hoje não me prejudica em nada. Repito. Maconha é vida! Uso, mas não faço mal a ninguém. Essa arma mesmo é só pra minha defesa. Não tenho problema em mostrar meu rosto. Sou uma boa pessoa e consigo viver em uma sociedade normalmente. Sou trabalhador, sou bombeiro civil!

(A cena volta para o estúdio de televisão do programa *Cidade em Ação*).

APRESENTADOR SIKÊRA JR: Maconheiro safado! Cabra de peia! Lava sua boca para dizer que é bombeiro civil. Não queime a classe de trabalhadores. Eu quero saber quem vai oferecer emprego para você depois dessa reportagem, seu maconheiro safado! Ninguém gosta de tu, só tua mãe, cabra safado. Maconheiro safado, você tava vendendo drogas, você acha que a polícia é besta? Cabra safado! Vamos contar igreja: “Éu, éu, éu / Todo maconheiro dá o anel”.

ANEXO E –BANDIDOS SE PASSAM POR CLIENTES E ASSALTAM BARBEARIA NO VALENTINA

APRESENTADOR SIKÊRA JR: Lá no bairro da minha querida Valentina. Um beijo pra toda a Valentina, os bandidos levaram o dinheiro e objetos de uma barbearia. Eles se passaram por clientes e na saída, trancaram o dono dentro do estabelecimento. Acompanha a matéria com ele David Martins.

REPÓRTER DAVID MARTINS: Ontem, no final da manhã, um assalto aconteceu nesse estabelecimento comercial. Aqui funciona uma barbearia, um pequeno comércio,

o ponto é alugado. O cidadão trabalha aqui com muito esforço. Corte de cabelo entre dez e vinte reais e ontem, por volta de dez e meia, próximo de onze horas, ele recebeu um cliente. O que seria um cliente, na verdade era um criminoso. Ele disse faz um corte assim, gosto assim, mais baixo do lado, aqui na frente não baixa muito, pois bem! O cara sentou na cadeira e quando o cidadão, o pequeno comerciante começa a fazer o corte, ele olhou para trás. Ele viu que alguma coisa errada estava acontecendo. Foi quando entrou um outro criminoso, comparsa do que estava assentado, se fazendo por cliente, com capacete, com uma arma dentro do capacete, era um assalto. Foi aí que o suposto cliente se revelou. Levaram os objetos pessoais, a carteira e o celular do cidadão. Depois, eles obrigaram o rapaz a entrar nos fundos, tem uma sala onde ele guarda objetos, uma espécie de depósito. Lá eles pediram outros objetos, achavam que tinham mais dinheiro, mas não, o movimento foi fraco. Sem dinheiro, a crise pesada que ainda continua neste nosso país. Aqui na Paraíba não é diferente. Eles levaram dinheiro, achando pouco, chegaram perto dele, pediram a chave da loja. Então, o cidadão, acuado, sob ameaça de arma de fogo, não teve o que fazer. Ele deu a chave. Os bandidos saíram foram embora. Fecharam a porta, deixaram o rapaz trancado dentro estabelecimento. Ele ficou aproximadamente quarenta minutos sem conseguir pedir ajuda batendo na porta. É uma rua de pouco movimento, apesar de ficar perto da principal aqui do Valentina. Mesmo assim, essa rua que vai de encontro à principal é de pouco movimento. Poucas pessoas passam, então o rapaz ficou muito tempo aqui pedindo ajuda trancado. Só depois de quarenta minutos que o pessoal entendeu o que tinha acontecido, um assalto, veio até aqui e conseguiu libertar o rapaz. Ele chamou a polícia, a polícia veio aqui, pegou algumas informações, características dos bandidos, fez rondas, mas até o momento ninguém foi preso! Só repetindo O local estava fechado quando três homens se passaram por clientes e assaltaram o barbeiro proprietário aqui da loja no bairro Valentina. Os suspeitos levaram o dinheiro do estabelecimento. Ninguém quis falar com a imprensa com medo de represálias dos bandidos.

(A cena volta para o estúdio de televisão do programa *Cidade em Ação*).

APRESENTADOR SIKÊRA JR: Para você que nos assiste em qualquer lugar desse país, Valentina é um bairro muito populoso. Muita gente no momento do assalto. Olha só o coitado do barbeiro. Ele entrega a carteira, mas é adequado. Olha só!...o coitado do barbeiro entrega a carteira. Os dois vagabundos são esses daí que estão aparecendo.

Esse de bermuda é um gileteiro e esse negro é um maconheiro desgraçado. Olha o corte de cabelo dele. Olha a cara deles, vão morrer ou não vai? vão morrer ou não vai?...vamos mostrar a cara desses vagabundos, chupão. Olha esses ladrões safados, vagabundos. “Se você é do bem...se vocês aí que estão nos assistindo odeiam bandidos como eu...ajuda a polícia a prende esses cabras safados.